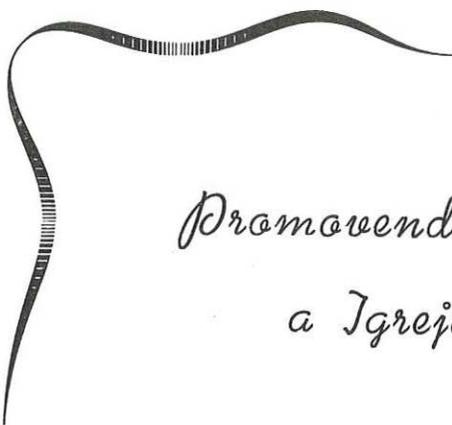


Ecclesia



Janeiro a Maio de 1954
Ano 6.º

N.ºs 25 a 27



Promovendo o seu II Congresso
a Igreja Lusitana irá:

P A G A R *uma dívida em aberto;*
CULTIVAR *um prazer espiritual;*
ENTREGAR *o facho a uma nova geração;*
APROFUNDAR *verdades fecundas;*
A G I T A R *consciências adormecidas;*
ASSENTAR *em planos construtivos;*
REAFIRMAR *propósitos santos;*
COORDENAR *esforços honestos;*
A P E L A R *para as almas inquiridoras.*



INSCREVEI-VOS COMO CONGRESSISTAS
EFECTIVOS OU CORRESPONDENTES.

PODEIS DIRIGIR-VOS À
DIRECÇÃO DE "Ecclesia".



Ecclesia

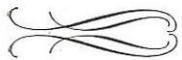
ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA
(Aparece em Janeiro, Março, Maio, Julho, Setembro e Novembro)

DIRECTOR:

EDUARDO H. MOREIRA
Rua das Janelas Verdes, 32 - LISBOA - Telef. 64792

ADMINISTRADOR:

DANIEL DE PINA CABRAL
Rua 14 de Outubro, 342--VILA NOVA DE GAIA--Telef. 710995



ORIENTE--OCIDENTE



ESTAMOS em dias de estranhos movimentos, paralisadores paradoxais, aliás, da verdadeira vida, apesar de serem "movimentos". Estamos em dias da mais bem organizada confusão que a História regista desde muitos séculos, agora que um papa reformador e poliglota permite aos Franceses a missa dita em vulgar; e por toda a parte é celebrada após um teórico jejum de tarde; ao mesmo tempo que, firmado na infalibilidade conferida há oitenta e quatro anos por um concílio ainda não encerrado, no conceito de certos canonistas, decreta por si um dogma baseado em literatura espúria do século V; quando a apreçoada unidade de Roma se nega ao ecumenismo por ela denominado "pancristão", mas se vê a braços com o cisma esboçado pelos simpáticos "padres-operários", cisma de certo modo readaptador do catolicismo de hoje ao do santo "Pobrezinho de Assis", e resolve ficar quieta por enquanto...

E mais, muito mais se poderia dizer desta época pandemoníaca e heroica, em que imperadores distribuem as suas terras pelo povo e regimes ditos "populares" alimentam milhares de multimilionários; em que senadores irrequietos insultam o clero cristão e clérigos cristãos alimentam entre si insinuações improcedentes e descaridosas; em

que generais jogam "às escondidas"; embaixadores se suicidam; ministros de Estado choram; e representantes dos povos servem nações estranhas.

E no Ocidente como no Oriente, no Norte como no Sul, a grande lição é esta: que o homem nasceu desarmado e com uma alma que lhe poderia ditar os meios duma paz perpétua; mas nasceu também com um cérebro privilegiado, capaz de imitar das feras e dos insectos e arcnídeos, as garras, os chifres, as camuflagens, as excreções hostis, o ferrão, as teias, a inoculação mortal; e, mesquinho como os pequenos seres ou feroz

SUMÁRIO DOS N.ºs 25 A 27

Oriente-Occidente	1
Reminiscências e Perspectivas	3
No Encerramento do Sínodo de 1954	5
No Atrio: Na Nave: Sermão 5 min. Rev. A. Arbiol	7
Orações dos Escoteiros	8
A Sucessão Apostólica, Rev. L. R. Pereira	9
Fé ou Credulidade? Rev. A. P. Araújo	11
Um Pequeno rom. por cartas, Rev. A. P. Ribeiro	12
Judas, pelo seminarista, Soares Carvalho	16
Camões no Brasil	19
Respigos: Os irmãos de Jesus	20
O II Congresso da I. Lusitana, Dr. L. Figueiredo	21
Desejos Juvenis	23
Revisão "Autorizada" ?	24
Pancristianismo	25
"Católicos por acaso"	26
Na Seara e Lusogramas	27
O Livro e os Livros	30
Reforma Canónica, Dr. D. Pina Cabral	31
"Forum"	33
Lauda Poética	35
Pensamento Cristão e Uma Nova Religião	36

como os monstros da selva, é capaz de viver em contínuo ataque e constante defesa.

Em certo almoço dum clube americano, certo sábio americano afirmou que "os povos do Extremo Oriente estão unânime e grandemente alarmados com o carácter da propaganda cultural que lhes chega do Ocidente, embora continuem interessados em partilhar dos seus conhecimentos científicos". Eis a réplica oriental ao estribilho ocidental do medo do Oriente. E não sabemos, ao lê-lo, quem terá mais razão.

O referido sábio, Dr. Lutero Evans, director-geral da U. N. E. S. C. O., acrescenta: "Há a impressão, nesses países, de que, juntamente com processos técnicos, o Ocidente lhes envia o que produz de menos digno, de menos desejável, as suas preocupações emocionais, os seus romances de carácter sexual, o peor das músicas e das danças inconvenientes. Toda a técnica das comunicações, da Imprensa, dos filmes e da Rádio é orientada no mesmo sentido, isto é, do Ocidente para o Extremo-Oriente. Ora, os estadistas asiáticos desejariam que se procurasse instaurar relações nos dois sentidos. Estão convencidos de que o mundo ocidental tem muito a aprender com o Extremo-Oriente — a filosofia e a profundidade do seu pensamento, que poderiam orientar os espíritos dos Ocidentais para uma serenidade maior e ensinar-lhes a dar menos importância ao poder económico e ao papel da força".

Ao que nos transmite a agência informadora podemos nós juntar, se o não disse o Dr. Evans, que foi decerto essa serenidade aprendida pelos Ocidentais no Oriente que tornou possível a Igreja do Sul da Índia onde as lutas sectárias, de ridícula história em tantas das suas manifestações, abateu bandeiras. E Ceilão a segue, na lição aos Ocidentais.

Não cabe no âmbito dum artigo desta natureza e neste lugar o historiar o choque das duas interpretações cristãs, a do Oriente e a do Ocidente, logo a partir dos primeiros séculos da Igreja; mas podemos referir o que no seu admirável, verdadeiramente lapidar discurso de 12 de Abril findo, o Chefe do Governo Português, para honra do pensamento de Portugal, disse a respeito de Goa, "pequeno foco do espírito ocidental no Oriente":

"Ainda que nalgumas partes da Ásia se continue a alimentar, para fins políticos, o sentimento de abominação do Ocidente, e fossem quais fossem os excessos praticados por estes ou aqueles em passados séculos, isto não pode impedir-nos de

reconhecer quanto toda ela deve às nações que, com esforço sobre-humano, alargaram as fronteiras do mundo conhecido e trouxeram a mais íntimo convívio todos os povos da terra. A mesma justiça devemos prestar ao Oriente pelas contribuições de toda a ordem que dele receberam as nações ocidentais".

A ideia duma insanável adversidade entre Leste e Oeste, é artifício de propaganda e não verdade testemunhal. Do Próximo-Oriente nos veio a Luz esclarecedora da ansiosa alma pagã; do Extremo-Oriente nos veio o papel, que no século X revolucionou a caluniada Idade-Média europeia, e a xilografia, que preparou, cinco séculos depois, a Reforma e o Renascimento.

Quando as nossas mãos tomarem respeitosa-mente a Bíblia, pensemos nos profetas de Israel, de Moisés a Malaquias, e nos Santos Apóstolos a quem Cristo confiou a missão mais alta de todas as missões; e, a seguir, pensemos um pouco na paciência chinesa que, por detrás dessa muralha lendária, preparou os dois meios que deviam servir a espalhar pelo mundo por centenas de milhões os exemplares da Revelação Divina.

Já se vê, o papel e a Imprensa vieram a servir causas inglórias e até infames, essas de que o Oriente culto se queixa. É a realização secundária da parábola de Cristo acerca do Reino dos Céus: o dono do campo semeia o bom grão, mas vem o inimigo e semeia a cizânia amarga e estéril. Isto deveria servir de consolação a Einstein, o grande cientista que anunciou ao mundo a sua desolação e perturbação de espírito, ao considerar-se responsável pelo uso mortífero da desintegração do átomo. A energia nuclear ao serviço dum mundo pacífico seria um precioso instrumento de bênção; mas, como quase sempre sucede, o primeiro uso de grandes descobrimentos serve a acumulação de riquezas insolentes ou a ambição das nações sofregas e o medo das fracas. O certo é que as grandes invenções de hoje-em-dia surgem quase simultaneamente em diferentes pontos da terra. A T. S. F., que tanto bem e tanto mal pode espalhar, deve-se a Maxwell, Hertz, Branly, Popoff, Marconi... Quantas nacionalidades aí estão representadas, dos diferentes cantos do mundo? E a física atómica, não foi estudada e aplicada, por tantos sábios, para a morte, dum lado ao outro do globo? Isso nos faz pensar nas bestas-feras do Apocalipse, surgindo da terra

MUITO bem se tem argumentado em Portugal acerca das incoerências do Pandita Neru, ao reclamar Goa, incoerências que nos aparecem, ou como fruto duma obsessão "chauvinista" ou como habilidade demagógica. Mas a última palavra sobre tal matéria deu-a o Senhor Doutor Oliveira Salazar nestes termos: "Goa é geográficamente Índia, mas esta posição ou facto geográfico não é fonte de direito nem é bastante para definir os limites das respectivas soberanias". E segue na demonstração brilhante deste princípio. De facto, se assim não fosse, teriam os cidadãos da República do Eire razão para reclamar o Ulster, que faz parte do Reino Unido da Grã-Bretanha; os naturais de Marrocos razão para exigir Ceuta; etc. Ora não é o recorte da terra que se impõe ao homem, apesar da terra ser um dos factores da sua formação, porém os homens é que dominam a terra e a caracterizam. As razões sectárias e económicas do Eire não podem destruir as que os cidadãos do Ulster invocam.

REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS

Está quâse a fazer um ano que foi coroada a rainha da Grã-Bretanha. Em certa altura da solene ceri-

mónia o Moderador da Igreja da Escócia recebeu do Deão de Westminster a Bíblia Sagrada e levou-a à Rainha, enquanto o Arcebispo de Cântuária dizia: "Bondosa rainha nossa: para trazer Vossa Magestade sempre lembrada da Lei e do Evangelho de Deus como regra para toda a vida e governo dos Príncipes cristãos, nós vos oferecemos este Livro — a coisa mais valiosa que este mundo proporciona". E o Moderador presbiteriano então acrescentou às palavras do Primaz anglicano: "Aqui está a Sabedoria; esta é a Lei real; estes são os vivos oráculos de Deus". Duas lições entre muitas aqui vemos: podem os grandes da terra reconhecer que infinitamente acima deles está a Revelação Divina. E podem confessantes de vário matiz encontrar o centro duma cooperação sincera, quando as paixões são vencidas por uma paixão maior.

A luz da manhã entra pela fresta ao alto e vem confundir-se com a que sai da fornalha e do ferro candente sobre a bigorna. É fogo que aí vemos, tão verdadeiro e real como o são as expressões atentas dos quatro jóvens ferreiros, sopesando a pesada ferramenta do ofício. Há uma tal consciência técnica naquele conjunto, que nos parece sentir o resfolegar do fole, o crepitar das chamas, o malhar no ferro, o respirar fundo dos pulmões. É um "poema a óleo", este que Mestre Narciso de Morais nos apresentou no Salão da Primavera deste ano, nas Belas Artes. Com uma meia dúzia de manifestações de arte regressiva ou primitivista, ou ilusionista, como quiserem, aparece ali uma galeria de bons retratos, formosas flores, escultura forte onde a alma surge no ricto. E entre peças de verdadeira e sincera arte lá está, com uma perfeita dignidade, esse poema do trabalho, 'Interior de Forja', que a crítica recebeu com justo carinho. Ainda há pouco o artista nos brindara com a exposição da sua obra escolhida, e aí tivemos o prazer de contemplar a arte profundamente honesta onde a sua alma cristã se afirma.

Ainda nesta Semana Santa o Sr. Dr. Sousa Costa inconfundível prosador que se tem especializado em romancear a vida de mulheres célebres, refere a vida pretensamente dissoluta de Santa Maria Madalena, antes da conversão. Evidentemente que o Evangelho é para os que pecaram e a Igreja recebe o maior pecador, no prosseguimento da obra salvadora de Cristo, único Salvador; mas chamamos a atenção do leitor para o criterioso estudo do Abade Crampon, no "Dictionnaire du N. T." anexo à sua versão da Bíblia feita sobre os originaes (Paris, 1923, p. 340), onde cita os argumentos de autores de varias confissões pró e contra a identificação das três ou de duas destas pessoas: Maria irmã de Lazaro, Maria Madalena e a pecadora anónima que ungiu o Senhor. Para nós, entretanto, basta um argumento de ética, tão forte é êle: Jesus não utilizaria na Sua missão os dinheiros ganhos por uma loireira arrependida (S. Lucas 8:2).

Quem diz que a eloquência não poderá residir no laconismo? Não pode a extrema concisão ser causada justamente pela angústia duma

dor quase incomportável? Um homem nós conhecemos que, num curto lapso, perdeu pai, esposa, filhos, sem perder o seu contacto com Deus. Quando um dia lhe dávamos as condolências duma verdadeira amizade que a ele nos ligava, só lhe ouvimos dizer com a voz meio estrangulada: "Tanto... custa!" Nunca esqueceremos esse testemunho eloquente, apesar de tão lacónico, dessa alma boa: o Rev. Belarmino Barata, saudoso amigo e irmão.



Duma carta do Rev. Eurico de Figueiredo para o nosso Director: "Lembro-me de lhe ter ouvido dizer que estava interessado numa pesquisa sobre qual teria sido, na verdade, o ritual mosa-rábico. Se ouvi bem, acho esse trabalho da máxima importância. Como já o disse, aliás, a um amigo, a questão não está em decidir se nossa Igreja Lusitana deve ser **Alta** ou **Baixa** (como aí ouvi discutir), mas sim em apresentar-se ela como o era e com seus característicos próprios, no fundo e na forma. Só assim (creio) nos poderemos apresentar como "a restauração da velha Igreja Lusitana. Porque, o apresentarmos como uma mera denominação protestante — e correndo **ipso facto** os riscos de nos emaranharmos no cipal das controvérsias interdenomina-cionais — é descermos da plataforma de vantagens em que circunstâncias providenciais nos colocaram, e perdermos nossa grande arma de combate". É tão importante o que aí fica que não resistimos ao desejo de o transmitir aos nossos leitores, nas vésperas do 2.º Congresso da nossa Igreja; tanto mais que é verdade possuímos matéria útil para esse estudo grandioso, que só cristãos reformados poderão levar a cabo, criando uma base de cultura colectiva cristã reformada na nossa Pátria.



Diz-se, e com certa razão, que o subsídio oficial enfraquece a vida das igrejas. O cristianismo vive, de facto, entre riscos e perigos. Foi o medo das consequências que fez com que os protestantes rejeitassem o auxílio a missões que quisessem estabelecer na nossa África, com pessoal e direcção portuguesa. Um dia se fará essa história. Agora consideremos um outro risco, que há para os que dependem do auxílio

de particulares, cujo interesse se obtém e se mantém por meio dos relatórios. É então fácil dar-se notícia da abertura duma missão e esquecer a do seu encerramento; relatar-se o êxito duma reunião extraordinária e calar o fracasso duma outra que falhou; atribuir ao interesse pela mensagem divina o que pode ter sido uma válvula de expansão "anticlerical", onde outra se não oferece... E assim veremos dum lado diminuição de vitalidade espiritual, e do outro uma falsa vitalidade ou a afirmação menos verdadeira a seu respeito.



Em períodos de decadência o homem não inventa: só confunde e amalgama. Exemplos serão o tetramorfo caldaico, toiro alado, com patas de leão e cabeça de homem, e a esfinge egípcia, bem conhecida de todos; o grifo e o centauro dos fins do chamado classicismo e o zoomorfismo das iluminuras e os lobisomens das lendas populares medievais. Na arquitectura, quando os estilos deram as suas últimas mensagens, o recurso foi a compósita; na filosofia a solução foi eclética e na religião foi sincrética. Nós, pelo contrário, procuramos na Reforma a linha directriz que vem da origem, como Esdras fez na reforma mosaica, como nosso Senhor e Mestre fez igualmente, em perfeita medida, "não vindo a destruir mas a cumprir", pois a Sua mensagem era uma reforma. (Hebreus 9:10, na versão brasileira, por ex., melhor que "correção" que se encontra nas outras versões portuguesas mais conhecidas, mesmo na revisão brasileira recente de Almeida. Corrige-se o que estava incorrecto, mas reforma-se o que necessita molde renovado ou readaptado).



A 5 deste mês de Maio faz 68 anos que nasceu em Aguiar da Beira aquele que seria o Padre Dr. Joaquim Alves Correia, missionário, escritor e professor católico; e a 1 de Junho faz três anos que, em Pitsburgo, na Pensilvânia, Estados Unidos, faleceu esse bom amigo e irmão em Cristo, como ele sempre se declarou em correspondência connosco. A "Aurora Evangélica" intitulou-o nessa altura — e muito bem — "ministro do Evangelho segundo o rito da Igreja Romana". Este homem lealíssimo, que amava a Palavra de Deus, e bem

o demonstrou nos seus escritos, nunca expressamente aceitou os princípios da Reforma religiosa, e considerava hereges os seus irmãos protestantes, em razão das ostensivas divisões sectárias e tantas vezes estreitas, exercidas sem amor, lhe aparecerem como negadoras da unidade indispensável da Igreja de Cristo; mas, ao mesmo tempo, sofria com a dúplice política de Roma e muitas das suas abusões. A sua obra literária, "Largueza do Reino de Deus", "O Cristianismo e a Mensagem Evangélica", "De que espírito somos", "Vida mais alta", "Evangelizadores do Trabalho", deveria ser melhor conhecida dos cristãos reformados, que lhe devem muita gratidão pelo desassombro das suas referências, em contraste com a habitual sornice da nossa opinião pública, ou antes da opinião que se publica... Aqui exprimimos a nossa saudade.



Miguel Torga, um dos mais altos poetas de hoje, numa deliciosa "História Antiga", faz de Herodes matador, não só das crianças de Belem, mas de todos "quantos eram pequenos nas cidades e aldeias da Nação". A nossa boa vontade não consegue transformar isto num símbolo poético; tal como está dito é simplesmente um erro, mais um para a colecção vasta dos erros bíblicos dos nossos pensadores e artistas. Também D. Sara Beirão, no seu romance "Clara" (página 183) nos diz: "... se o homem não vive só do pão, como dizem os poetas". Ora se os poetas o dizem como coisa sua, erram mais uma vez; mas a romancista deveria saber emenda-los. Ficava-lhe mesmo bem.

(Conclusão da pág. 2)

e do mar, dum lado e doutro, ameaçando todos e tudo até serem vencidas pelo Cordeiro de Deus, que é também o Leão de Judá.

É tempo de terminar. Fa-lo-emos afirmando que o antagonismo universal não é de Oeste e Leste, mas de Luz e Treva, de Verdade e Mentira, de Amor e Ódio. E aos que propositadamente confundem o problema opomos a palavra do Profeta: "Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem mal; que fazem da escuridão luz e da luz escuridão e do amargo doce e do doce amargo!" (Isaias 5:20).

NO ENCERRAMENTO DO SÍNODO DA IGREJA LUSITANA

(Algumas ideias expressas no Sermão de 14 de Março de 1954)

"... a Casa de Deus, que é a Igreja do Deus Vivo, a coluna e firmeza da Verdade".

1.ª a Timóteo 3:15

E AMÕES chamou à amada Pátria, que era dele e de nós todos:

"Nossa pequena Casa Lusitana".

Quanto carinho, quanta genial compreensão, quão verdadeira grandeza de amor há nessa expressão do Épico!

"Nossa pequena Casa Lusitana..."

Pois essa expressão cabe-nos a nós dum modo particularmente expressivo, porque a Pátria é, para nós, não só um escrínio de jóias históricas, tesouro donde o escriba nacional tira "coisas novas e velhas" (no símile de nosso Senhor e Mestre) mas é mais que um mausoleu de avós ilustres que ainda de lá nos enviam sua mensagem; é enfim um santuário de perpétuas emoções sentidas aos pés de Deus.

Mestre Reinaldo dos Santos, o admirável descobridor do "esthetos" nacional, diz que Portugal, em arquitectura, "sempre falou em românico". Pois bem: porque não proclamar que ele igualmente quer sempre adorar a Deus em moçárabe e em suévico?

Socialmente, afirmemo-lo sem reboço, para nós a Pátria inclui a Igreja, e espiritualmente a Igreja inclui a Patria. Por isso a Pátria é cristã e a Igreja é católica, ambas num sentido largo e generoso.

"Pequena Casa Lusitana..." Pequena e pobre, diremos. Heroicamente pobre; pobre no seu solo, escassa em lenha e em lã, para aquecer seus filhos; sem hulha e sem óleos: só rica em loiras praias que o mar refresca, rica de azul nos céus, de resistência nos ânimos e de fé nos corações!

Quando o sol se põe, dois ou três milhões de Portugueses, de norte a sul, fazem humildemente o sinal da cruz: não elevam o punho fechado para o alto, como revolta de orgulho. E ao "acender das luzes", em mil lares beirões, ouve-se a prece: "Deus nos dê muito boas noites, salvação para as nossas almas e graça para O servir!"

E são pobres ?!

Pobres, sim. A máquina universal dos Portugueses ainda é a mão humana: cinco pobres dedos destinados a arrefecer sobre o cabo da enxada ou da roca, a rabiça do arado ou a lançadeira do tear.

Vem então Cristo e diz-nos, como na visão apocalíptica disse à Igreja de Esmirna: "Eu sei a tua pobreza, mas tu és rica". As máquinas do engenho humano destroem-se sucessivamente, pela lei fatal do progresso, e toda a luta dos homens se simboliza na compita da bala e da couraça. Assim, tanto na indústria como na guerra, todo o engenho é precário. Tudo envelhece e morre! Entretanto a mão permanece viva, riquíssima na sua pobreza. E também, despida da riqueza das escolas filosóficas que mutuamente se anulam e escarnecem, a alma humana permanece viva e rica na sua pobreza... "Tu, és rica"!

Ao considerar a nossa própria mão lembremos as mãos de Aquele que foi servo por amor, mãos que, tendo todo o poder do mundo, nos lavam os pés, sujos da lama sangrenta deste mundo, são de nosso Senhor e Mestre, o "Cordeiro morto desde o princípio"; mãos eternamente estigmatizadas pelos cravos da infâmia, que intercedem por nós junto do trono do Pai, e nos amparam na vida, apontando o caminho. Mãos que amam, servem, ensinam, mãos do Carpinteiro Divino que nos construíram o Lar dos Céus: "Vou preparar-vos o lugar"...

Entretanto, em Portugal, a nossa Igreja é a Casa de Deus, onde se quer adorar como adoraram os nossos avós proto-hispanos. E é a coluna e firmeza da Verdade, como diz o nosso texto. A base dessa coluna é o Evangelho; seu fuste são os Sacramentos; seu capitel historiado tem de revelar às gerações a Esperança Messiânica, a projecção social, a obra missionária no cumprimento do Grande Mandato do Senhor aos Seus discípulos. Por isso a Igreja é Católica e Apostólica e Evangélica, louvado Deus!

A Casa é moradia, onde se habita, isto é, onde se tem hábitos, **mores**, costumes. Sobre todos eles impera a liturgia, serviço público ou comum, que nos une primeiro na Pátria e depois na Igreja mundial, de todos os séculos e de todas as partes da terra. A Casa de Deus é fortaleza, sebe viva que nos defende, e é lar, ninho amoroso que nos educa. Tem porta, tem fonte e tem mesa: Porta de santo convite, Fonte de santa inscrição e

Mesa de santo convívio. Jesus-Cristo-Homem, único mediador, convive connosco não só num mero símbolo, mas numa refeição mística, de maravilhoso significado. Os Seus ministros são em primeiro lugar ministros dos Sacramentos, e conjuntamente e impreterivelmente ministros da Palavra. Não somos, todos nós, clérigos e seculares, mera academia ideológica; nem somente uma sociedade fraternal; mas a Igreja em perpétua missão, em constante reforma, em genuíno despertar.

A nossa Igreja é **casa, domus**, com seus domésticos, onde a palavra mora: "A palavra de Cristo habite em vós abundantemente"... (Colossenses 3:16). É nessa abundância que reside a vida do Lar: abundância de confiança para refúgio, de gentileza para conforto, de tradição para continuidade, de educação para uma consciência colectiva. Nos lares terrenos também se necessita de educação dos novos, da tradição carinhosa dos avós, de gentileza de todos em benefício de todos, de refúgio dos que vêm do mundo, seja da escola, do quartel ou da oficina, cansados do egoísmo e da maldade geral.

Sem vida a casa é jazigo e não lar. O fogo crepitante na lareira é símbolo do lar e o frio silêncio das cinzas é o do jazigo. E nós somos, nós queremos ser casa viva onde habita Aquele que é a vida, casa firmada em Aquele que é a Verdade, aberta ao mundo por Aquele que é o Caminho.

Glória ao Seu nome!

Lendo e Comentando Garvie, em "The Christian Preacher":

Confúcio foi o editor da antiga literatura sínica e o intérprete da sabedoria tradicional do seu povo; mas Jesus é o "realizador" da literatura messiânica de Israel, e não meramente o explicador.

Buda julgou ter descoberto o segredo da salvação por si próprio e repartiu por outros o descobrimento: mas Cristo oferece-se a cada um como Salvador.

Mafoma apresenta-se como o Profeta de Alah, em cujo nome e por cuja autoridade invocada, ensinou e guiou; mas Jesus Cristo é o próprio objecto da fé cristã, o Divino Salvador e Senhor. Não só revela a paternidade de Deus: Ele, o único que conhece o Pai e do Pai é conhecido, é assim qualificado por Sua natureza para a Sua função.

NO ÁTRIO

Comemorações próximas

Olhando em frente, temos nas nossas Congregações, depois da festa de S. Filipe e Sant'Iago, em 1 de Maio, que coincide sempre com a moderna festa universal do trabalho, o "Dia das Mães", em 9 e o tradicional "Domingo das Rogações" em 23. A quinta-feira de Ascensão cai este ano a 27, o Domingo de Pentecostes em 6 de Junho. O dia de S. Bartolomeu é em 11 e o Domingo da SS. Trindade cai em 13. Temos depois a Natividade de S. João Baptista em 24 e a festa de S. Pedro Apost. e Mártir em 29. O dia 10 de Junho pode ser destinado a dia nacional de Acção de Graças.

NA NAVE

Sermão de Cinco Minutos

pelo Rev. Agostinho F. Arbiol

"Disse o néscio no seu coração:
Não há Deus".

Salmo 55:1

A Paz de Deus seja convôsko.

De facto só o néscio pode negar a existência de Deus, porque nenhuma pessoa de bom senso se atreverá a fazê-lo. O velho argumento de que Deus não existe porque não se vê, já está, de há muito tempo, posto de parte. Deus é Espírito e espírito significa sôpro ou vento. Ora, o vento também não se vê e, contudo, ninguém duvida da sua existência. Tanto sopra com violência, derrubando árvores e arrastando, em redemoínho, as suas fôlhas, como suave e fagueiramente acariciando-as e embalando-as com deliciosa ternura. Prova-se

que Deus existe pelo facto de não se poder provar que não existe. O acto de definir uma coisa ajuda a sua compreensão. Deus, segundo o dicionário perfeito e infalível que é a BÍBLIA, é amor. Logo, pode-se ver a Deus em todos os actos de amor. Léon Tolstoi disse: "Onde está o amor, está Deus", Deus está, portanto, em nosso Senhor Jesus Cristo porque Ele mesmo disse: Eu e o Pai somos uma mesma coisa (S. João 17: 22). O néscio contestará essa verdade dizendo que Deus não pode ser amor, visto haver no mundo a dôr, a injustiça e o sofrimento, nem tão-pouco pode ser perfeito visto haver tanta imperfeição. Não pode compreender que o mal está no homem e não em Deus. Jâmais esquecerei uma história que ouvi ao saudoso Rev. José António Fernandes, ministro da Igreja Metodista. Um menino a quem tinham dado de presente uma caixa de lindo aspecto com bocadinhos de cartão representando o mapa-múndi, estava um dia muito ocupado a reconstituir a gravura, colocando os cartões na sua devida ordem. Seu pai assistia aos esforços inúteis do filho. Passado bastante tempo disse: "Meu filho, na parte de trás de cada cartão está desenhada uma parte do corpo humano. Procura completar essa gravura primeiro e no lado opôsto terás o mapa-múndi".

Esta história dá-nos uma sublime lição. De nada vale o homem querer aperfeiçoar o mundo sem se aperfeiçoar primeiro a si próprio, porque ele é o culpado de todos os desmandos e infortúnios sociais. Outro pormenor, este da mitologia, nos evoca a mesma verdade. A Esfinge, esse monstro com rôsto de mulher, corpo de leão e asas de águia, habitava uma montanha de Tebas, donde descia a propôr aos vian-dantes o seguinte enigma: Qual é o animal

que de manhã tem quatro pés, dois ao meio dia e três de tarde? Devorava os que não o adivinhavam. Édipo respondeu que era o homem, porque na sua meninice se arrasta pelo chão com os pés e as mãos, na sua adolescência se aguenta nos dois pés e na velhice se ampara a um bordão. O monstro furioso por ver decifrado o enigma, precipitou-se no mar. O **HOMEM** é de facto o grande problema ou enigma do mal que reina no mundo. À maneira que esse problema se fôr resolvendo pela prática do bem, o mal irá desaparecendo do mundo. Não é com o castigo que ele se vencerá, mas sim com o bem (Romanos 12:21). Jesus disse: Sêde perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito (S. Mat. 5:48) Só se atinge esse estado, como diz Lamartine, subindo um a um os degraus da caridade, da fé, da bondade, do perdão, da justiça e da santidade, até chegar ao penúltimo. O último jámais o atingiremos, porque está ocupado por Deus. Por meio dessa ascensão gloriosa estaremos mais perto de Deus, podendo, portanto, sentir melhor o efeito da sua existência. O néscio nunca o sentirá, devido à distância que o separa d'Ele. O conhecimento que os crentes sinceros e fervorosos terão de Deus nunca será completo; conhece-lo-ão apenas em parte, como diz S. Paulo, (I. Cor. 13:12) mas esse conhecimento parcial será o bastante para lhes dar a certeza do Seu grande amor e infinito poder. **VOLTAIRE**, célebre escritor francês do século XVIII, declara vencido o seu materialismo, por meio destas palavras: **Assombra-me o universo e eu crer procuro, em vão, que exista um tal relógio e o relojoeiro não.** Como êle muitos que, obstinadamente, resistem às evidentes manifestações de Deus; têm sido, no passado, ou serão, no futuro, rendidos pouco a pouco ou de repente à incontestável verdade da Sua existência, da Sua sabedoria e do Seu amor.

Orações dos Escoteiros

Senhor, ensina-nos a servir-Te como mereces. Ensina-nos a dar sem saber quanto; a combater e não sentir as feridas; a trabalhar e não esperar recompensas, salvo a de saber que fazemos a Tua vontade. Amen.

Oração do Escoteiro-Chefe

Jesus, meu Senhor e Chefe, que apesar da minha fraqueza me fizeste chefe dos meus irmãos escoteiros, faz com que as minhas palavras, sempre ligadas aos meus exemplos, os iluminem na marcha pelo caminho das Tuas leis. Ensina-me a mostrar as Tuas pistas divinas através da Natureza que criaste. Dá-me sabedoria e prudência para só ensinar o que devo, e assim conduzir o meu grupo de etapa em etapa até o grande acampamento de alegria e descanso onde levantaste nossas tendas junto à Tua, para a eternidade. Amen.

Para de Manhã, no Acampamento

Deus Todo-Poderoso, Tu que estendeste o ceu como imensa barraca sobre nós, olha misericordioso para Teus filhos, já despertos na aurora de novo dia.

Afasta, Senhor, deste acampamento, tudo o que possa ofender-Te, e une-nos para nos ajudarmos uns aos outros, a fim de que este dia decorra entre amizade e alegria. Amen.

Para o Fim do Fogo do Conselho

Perdoa-nos, Senhor, todas as nossas faltas, a fim de que nós, que vamos dormir sob as estrelas, possamos fazê-lo com a Tua Graça. Estende a Tua guarda, ó Deus, ao redor do acampamento para que nos sintamos defendidos dos poderes do mal. Amen.

Para Antes das Refeições

Uns têm e não podem, outros podem e não têm: nós, que temos e podemos, bendigamos o Senhor. Amen.

A SUCESSÃO APOSTÓLICA

QUANDO era rapazote (devia estar no primeiro ano de medicina) entrei uma vez em discussão com um bondoso e ilustrado Sacerdote romano, já entrado em anos. Julgava eu então que conhecia bem a minha Bíblia e que a nossa controvérsia com Roma não tinha para mim dificuldades. Hoje, é claro, que já aprendi muito mais, estou longe de ter as mesmas lisongeiros opiniões acerca dos meus conhecimentos... Nessa discussão, veio a talho de foice determinado ponto a propósito do qual emiti opinião um tanto leviana. O Sacerdote, muito delicado, mas com aquela pontinha de malícia que não fica mal aos velhos (sobretudo quando falam com rapazes atrevidos...) disse-me:—"Olhe meu amigo! Isso, como todas as coisas, é necessário, em primeiro lugar, entender-se"... Tenho recordado tantas vezes estas palavras... Recordei-as de novo ao ler há pouco tempo certo artigo sobre Sucessão Apostólica. É porque a doutrina da chamada Sucessão Apostólica, "como todas as coisas, é necessário em primeiro lugar entender-se"...

Nós, Católicos Evangélicos, cremos que (usando as palavras duma pastoral do Sínodo da Igreja Reformada Holandesa) "os Apóstolos eram testemunhas oculares de Cristo, da Sua vida, da Sua morte e da Sua ressurreição. **Como tal** (o grifado é nosso) eles não têm sucessores". Diga-se de passagem que até a própria Comunhão Romana, até certo ponto, tem a mesma opinião. Cremos também que nosso Senhor Jesus Cristo fundou uma Igreja. Cremos que essa Igreja é o Seu Corpo Místico, sendo Ele a cabeça desse Corpo. Cremos porém que a Igreja é também, uma **Sociedade visível**, chamada nas Escrituras "Casa de Deus" e "coluna e firmeza da verdade" na qual Timóteo tinha de saber como actuar (1 Tim. 3:15). Como o corpo é dotado de órgãos com várias funções, assim os membros do Corpo de Cristo têm todos eles o seu papel a desempenhar na economia desse Corpo, papel que lhes é distribuído e para o desempenho do qual são habilitados pelo Espírito Santo. Por outro lado, por ser a Igreja uma Sociedade visível, Jesus Cristo instituiu o cargo de a dirigir e ministrar

nela os Sacramentos (aqueles sinais e instrumentos visíveis de graça interior, que Ele ordenara) e investiu nesse cargo os Apóstolos, as testemunhas por excelência da Sua Ressurreição. Daí a existência, na Igreja, de duas espécies de ministérios: **O ministério regular**, permanente, dos Apóstolos e daqueles que por seu turno investiram no desempenho das suas funções, o qual corresponde de alguma maneira, embora não inteiramente, ao ministério sacerdotal no Velho Testamento, e o ministério **irregular**, acidental, carismático, (passe o termo) que por sua vez era de algum modo representado na Antiga Aliança pelo ministério dos profetas; era o ministério constituído pelo exercício dos "dons de Espírito" de que S. Paulo trata com bastante pormenor na 1.ª Epístola aos Coríntios (cs. 12-14), por exemplo. Chamamos irregular a este ministério, não porque fosse mau ou ineficaz, mas porque não era sujeito a regras fixas e dependia unicamente da actuação interior do Espírito Santo.

De um modo geral, todas as Confissões Cristãs, Reformadas ou não, acreditam ser vontade do Senhor que o Ministério Apostólico, do governo e administração dos Sacramentos, de alguma forma se perpetuasse após a morte dos Apóstolos. Isto é, **neste sentido**, os Apóstolos deixaram sucessores. Sob este aspecto, pois, todos os Cristãos (salvo insignificantes excepções) crêm na Sucessão apostólica, sucessão essa constituída por autoridade conferida de modo legítimo e visível por quem de direito; autoridade independente do carácter individual ou ortodoxia do seu detentor. De facto ninguém hoje se atreve a sustentar a heresia donatista de que a validade do ministério depende do carácter do ministro, embora não possamos deixar de notar leve "sabor" donatista em afirmações feitas por vezes em certo tipo de imprensa evangélica.

O que neste assunto divide os Cristãos é a diferença de opinião acerca do **modo como se transmite** o Ministério Apostólico.

Na Igreja Lusitana, como nas outras comunhões que possuem e valorizam o que chamamos o episcopado histórico, cremos que "a todos que têm lido com atenção as Santas Escrituras e os autores antigos, é evidente que, desde o tempo dos apóstolos, existem na Igreja de Cristo estas ordens de ministros:— Bispos, Presbíteros e Diáconos..... e... ninguém será considerado ou tomado por legítimo bispo, presbítero ou diácono...

senão aquele... que, pelo menos haja recebido de algum bispo a ordenação ou sagração" (Liv. de Oração, Prefácio do Ordinal). Qual a razão desta atitude? A autoridade dos Apóstolos proveio, não da escolha ou delegação da Igreja, mas da escolha e delegação efectuada pelo próprio Cristo. Durante algum tempo os Apóstolos exerceram sós o seu ministério. Depois começaram por delegar parte do seu ministério nos "sete" considerados os primeiros diáconos; a selecção destes foi feita pela Igreja, como ainda hoje se faz entre nós, mas a ordenação foi feita pelos Apóstolos. Depois delegaram parte da sua jurisdição nos "presbíteros" que ordenaram, nas congregações que se iam formando à medida que a Igreja crescia. Depois, finalmente, delegaram a sua jurisdição sobre os presbíteros, (provavelmente também então chamados "bispos") nos que costumamos denominar "varões apostólicos", como Tito e Timóteo. Encontra-se, pois, ainda na vida dos Apóstolos um tríplice ministério, no qual havia uma categoria de ministros com o "munus" apostólico de transmitirem esse ministério (Tito 1:5; 1 Tim. 5:17,22; comp. 2 Tim. 2:2) e respectiva jurisdição. Esse mesmo ministério tríplice vemo-lo pouco depois dos Apóstolos, e já com os nomes actuais, nos escritos sub-apostólicos de Sto. Inácio de Antioquia.

Agora, os bispos do tempo de Sto. Inácio eram o que podíamos chamar talvez "bispos párocos"? Sem dúvida. Mas isso que prova? Que o que chamamos hoje dioceses era algo muito mais pequeno do que nos nossos dias. Eram Tito e Timóteo bispos diocesanos? Não. Mas isso não afecta em nada a questão; o facto fica em que o tríplice ministério existe desde o tempo dos Apóstolos, não é uma inovação posterior.

Ora não se podendo provar pela Bíblia que os presbíteros tivessem autoridade para transmitir o ministério apostólico, ou seja, para ordenar, e sendo, tanto quanto se sabe, a crença da Igreja indivisa de que só os que hoje chamamos bispos tinham essa autoridade, nós julgamos temerário alguém pretender possuir o ministério apostólico sem o ter recebido das únicas mãos que a Igreja indivisa dos primeiros tempos reconheceu competentes para o conferir.

Mas se esse ministério, no decorrer dos séculos, não impediu depois a Igreja de se corromper, tanto na prática como na doutrina, e

se grupos de cristãos, mais tarde, sem esse ministério, produziram os frutos do Espírito e mostraram sinais claros de comunhão com Deus, pergunta-se: Qual a vantagem de ter ministério regular? De que serve o episcopado histórico?

Estranho argumento! Porque há cristãos imorais, egoístas, invejosos e avarentos; e pagãos e ateus cheios de todas as virtudes, concluímos que o Cristianismo não tem valor? Porque tem havido anglicanos, presbiterianos e metodistas, que foram baptizados e participam regularmente da Ceia do Senhor e todavia são mundanos, e sem qualquer fervor, e por outro lado conhecemos quáquros que são verdadeiros santos, vamos decidir pela inutilidade dos Sacramentos? Por esse modo de argumentar, onde iríamos ter...

Para nós, que cremos numa Igreja visível, é essencial a existência de um ministério com continuidade histórica visível; não nos pode bastar apenas uma tal ou qual identidade de ideias ou de doutrina com a Igreja Apostólica.

Não duvidamos, porém, nem por um momento, de que o mesmo Deus que nos tempos antigos levantou profetas até mesmo no meio das tribos cismáticas, tem levantado e há-de continuar a levantar profetas poderosos e conceder "dons do Espírito" no meio de Cristãos que não possuem episcopado histórico. Todavia o Velho Testamento mostra-nos que o ministério irregular e acidental dos profetas não anulou nem substituiu o ministério sacerdotal, regular.

Acusa-se às vezes a nossa posição de exclusivista, descaridosa e intolerante. Exclusivista, certamente que de algum modo o é. Nem podia deixar de o ser porque uma posição definida tem sempre um certo exclusivismo. No que se refere porém às Ordens Sacras, os nossos irmãos não episcopais também o são, e em ocasiões em que nós não o somos. Se um Presbítero Romano, por exemplo, vier para nós, reconhecemos as suas ordens e não o re-ordenamos; porém se ele for para uma Igreja Presbiteriana, Metodista ou Baptista, tanto quanto sabemos, terá de ser re-ordenado nessa Igreja para que nela desempenhe funções pastorais. Este diferente modo de proceder representa a diferente concepção que a maioria daqueles nossos Irmãos têm de Igreja e de Ministério. Para eles, a Igreja histórica tornara-se falsa; funde-se pois nova Igreja, igual à Igreja dos Apóstolos; portanto é necessário nova ordem de ministros. Para nós, a Igreja corrompeu-se,

mas é a Igreja; não se pode fundar outra. **Reforme-se**, mas continue-se.

Seremos porém descaridosos e intolerantes? Cremos que não. A atitude anglicana, que teologicamente é a nossa, é tudo quanto há de mais tolerante e caridoso. Por um lado, as províncias anglicanas têm plena inter-comunhão com as Igrejas Velho-Católicas (tridentinas na sua teologia) e mantêm largo inter-câmbio com as Igrejas Orientais. Por outro lado, cooperam, tanto quanto os seus princípios lhes permitem, (como esta primavera em Londres, na cruzada do Dr. Graham) com as várias "Denominações" Protestantes. Talvez ninguém tenha ido tão longe nos seus esforços ecumênicos como o actual Arcebispo de Cantuária. É dele a re-afirmação recente de que, sendo as divisões entre os Cristãos divisões dentro da Igreja, todos os baptizados fazem parte da Igreja Católica. Corresponde-lhe, pelo conteúdo e larguêsa, a frase muito espirituosa e bastante verdadeira de um dos nossos mais brilhantes Presbíteros: "As Congregações não episcopais portuguesas, são afinal ...congregações irregulares da Igreja Lusitana". De facto todos os portugueses baptizados, desde que não hajam renegado ostensivamente a fé cristã, pertencem à Igreja Lusitana. Muitos, a maioria, estão na parte **não reformada da Igreja**, ainda sujeitos ao Bispo de Roma. Outros, já independentes de Roma, estão infelizmente separados do nosso ministério e ordem. Tanto uns como outros são porém nossos irmãos em Cristo. Oxalá Deus faça em breve cair todas as barreiras, num grande movimento de Reforma e unificação!

Rev. Dr. L. R. Pereira

Mensagem para o dia de hoje

de Rogérto Bellant

**"A pedra que feriu a estátua
fez-se montanha e encheu a terra"**

Daniel 2:35

Se há uma estátua há também uma pedra que abate a estátua. Uma outra ilustração,² a do combate de David e Golias: as forças espirituais finalmente triunfam das potências materiais. Decerto a pedra é imagem do Reino de Deus que, só ele, "subsistirá eternamente".

FÉ

OU

CREDULIDADE?

DURANTE a última chamada "grande guerra", cujo rescaldo, longe de estar reduzido a cinzas calcinantes, vai tendo as suas pavorosas deflagrações, viveu o mundo horas de muita expectativa, senão esperança, mediante aqueles laudatórios discursos das partes contun-dentes, atirados "para o ar" pela rádio e, postos em curso pela Imprensa. Hoje, recordados esses discursos, a expectativa está transformada em repulsa e a esperança em desilusão!

Naturalmente, vive-se a hora das estonteantes reportagens lançadas pelo balcão das agências publicitárias, com "direitos reservados", merca-dejados por esta ou aquela imprensa.

Não há dúvida que tais reportagens, descon-tando-se-lhes a intenção fantasista ou especulativa, revelam o desconhecido.

Estão a ocorrer-nos estes raciocínios, no arrumar de recortes de jornais ou ao despacha-los para a farrapeira. No entretanto, constatamos que Pio XII, no seu pontificado, vai demonstrando ser senhor de grande bagagem enciclopédica, como no ano findo, dentro dessa bagagem, encontrou elementos para prolixas a locuções, postas a correr-mundo, por simonia, pelas aludidas agências.

Ora, porquanto "fomos moços, agora somos velhos", penaliza-nos, dia a dia, a queda espiri-tual da mocidade, na época que atravessamos; porém, no arrumo dos referidos recortes, aparece-nos um de uma das aloções pontificias, inserta em "O Primeiro de Janeiro", na qual "Pio XII, afirmou que, na juventude, a perda da fé não vem da falta de cultura religiosa nem dos «recifes» da dúvida racional, vem sobretudo dos vícios, das paixões e do relaxamento dos costumes que perturbam o espirito dos novos e os contagiam com as «catarras do vício». Pediu aos novos que fizessem quanto pudessem para não perder a fé, fazendo-lhes ver que é indispensável consegui-lo e procurar a Verdade".

Não temos o menor prazer em estar em desacôrdo seja com quem fôr, muito menos com dignidades religiosas. Contudo, confessamos, a despeito da "cultura religiosa" que se pensa não faltar, não descortinamos na mocidade aquela Fé que resista ou suprima os vícios a que se alude.

Estamos bem persuadidos que Fé, é um estado íntimo de santidade em comunicante adoração de espírito à Santidade Divina, isto é, um estado que trava a corrupção da carne convencendo-a de que a transgressão não é bilateral — venial ou mortal — mas queda da Graça que só se recupera pelo arrependimento e directo Perdão Divino.

Que exista por todo o mundo uma "credulidade" amparada por preconceituosos sofismas engendrados ao sabor da cultura sectária, não temos qualquer dúvida, estando, até, habituados a ouvi-la proclamada como fé.

Como acima transcrevemos, o pontífice romano pediu "aos novos que fizessem quanto pudessem para não perder a fé, fazendo-lhes vêr que é indispensável consegui-lo e procurar a Verdade".

Não podemos saber qual a sensação que a "credulidade" sentiu diante do conselho à juventude, para "não perder a fé" procurando "a Verdade", se estremeceu no seu sobranceiro pedestal empedernido pelos séculos ou se sorriu de quem tão alto a coloca e alimenta. Isto pouco importa. A vertigem do Tempo que já se encarregou de desmascarar a espectacularidade dos discursos laudatórios da guerra e que já vai pondo de remissa as grandes reportagens, não abdica do seu dever ou colaboração com a História.

Também, não esqueçamos que temos deveres com a História. Estes deveres põem-nos na frente de uma mocidade sem escrúpulos pelos vícios, alheia à santidade e muito pouco animada a procurar a Verdade, porquanto achar a Verdade é achar Cristo e achar Cristo é íntima e exterior repulsa pela impureza, é amar a Vida, fazendo-a transitar por um Caminho cuja Entrada tem uma Porta-estreita onde não cabe a tal "credulidade", passiva pela simonia, contemporizadora pela dulia e rebelde à hermeneutica sem complementos apócrifos ou tradicionais.

Se a "credulidade" não transpõe a Porta-estreita, transpõe-na a Fé que, pela promessa do Evangelho, ajoelha, adora, agradece, suplica, para se erguer e conduzir pela Bênção. **A tua Fé te salvou. Vai-te em paz.**

Esta Fé é a que se deve e se impõe ensinar à mocidade dos nossos dias, porém, se como Pio XII finalizou a sua alocução "o Deus verdadeiro, autor da Verdade, é Único"; convém não esquecer que o Credo de Sto. Atanazio, que a Igreja Lusitana também recebe e aceita, define: "A Fé Católica, consiste em adorarmos um Deus em Trindade e a Trindade em Unidade... Aquele que quizer salvar-se, deve assim pensar e crêr na Trindade... A verdadeira Fé, pois, consiste em crêmos e confessarmos que Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, é Deus e Homem."

Pois bem. Se a Fé assim fôr inspirada, não tenhamos dúvidas que a mocidade de hoje formará os homens de amanhã, não crédulos por observâncias hereditárias, mas crentes-conversos pela Fé.

Assim o temos feito, assim continuaremos a testemunhar pelo ensino bíblico. Outros que façam o mesmo, se não quiserem ser réus do Juízo-Final.

Rev. A. Pereira Araújo

UM PEQUENO ROMANCE POR CARTAS

(versão do Rev. A. Pinto Ribeiro Jor.)

Jesus, visto por Jonatán, cobrador de impostos em Magdala.

Querido Zaqueu :

*A*CABO de ter Jesus, o profeta de Nazaré, a jantar comigo hoje, e um bom número dos nossos amigos vieram para O conhecer. Prometi contar-te o que se passou, mas prometi demais. Vou dizer que posso, mas ainda há só uma hora que Ele saiu daqui e me deixou cheio de pensamentos.

Como sabes, estava bastante nervoso a respeito do caso. Logo de manhã cedo, gostaria muito de evitar inteiramente de dar o jantar. Tu e eu muitas vezes dizemos que a nossa espécie de pessoas não é pior do que outras, mas quando revia os con-

vites na minha mente não pude deixar de sentir que éramos uma companhia estranha para um Homem assim como Jesus. Pus-me a pensar o que aconteceria se o Ruben começasse a falar como fala às vezes, e tencionava fazer-lhe uma advertência antes de começar a refeição. Mas não tive oportunidade, e, como as coisas se passaram, também não era necessário. O Ruben não era o mesmo hoje.

Bem, Jesus veio. Que espécie de pessoa é Ele? Se me tivessem perguntado isto no meio do jantar, teria dito que era o melhor Homem que já mais encontrei. Mas agora penso... oh, não sei o que penso, senão que não sou digno de Lhe tocar nas correias das alparcas. Decerto todos nós estávamos ansiosos por O ouvir falar. O Ruben esperava que Ele fustigasse os fariseus, e, para falar a verdade, creio que todos nós esquecemos que havia tal gente. Ele parecia estar tão pronto para ouvir como para falar. E que bom ouvinte Ele é! Nunca encontrei ninguém que escute como Ele.

Por acaso mencionei o meu Benjamim, porque estamos a pensar em que ofício o havemos de pôr e, de facto, estamos preocupados porque não há muitas oportunidades para o filho dum publicano. Jesus mostrou interesse imediatamente, e fez muitas perguntas a respeito da sua vida em rapaz. Comecei a sentir-me envergonhado por fim, porque é estranho encontrarmos uma pessoa que compreenda melhor o nosso próprio filho do que nós mesmos. Mas Jesus compreende bem os rapazes.

Não posso contar todas as coisas em que falamos. Foram as mesmas coisas que tu e eu podíamos discutir, mas havia uma diferença: Estava a falar com Ele como se O tivesse conhecido toda a minha vida. Comecei a contar-Lhe — não sei agora como

é que o fiz — como me meti nesta nossa vida, e a explicar-Lhe as nossas dificuldades, e como é impossível seguir sempre o caminho justo, quando toda a gente procura tirar vantagem de nós; e especialmente nestes dias em que o futuro é tão incerto, e em que temos, enquanto podemos, de juntar alguma coisa para mulher e filhos. Ele escutava apenas e olhava-me direito nos olhos, como se compreendesse tudo o que eu estava a dizer, e também tudo o que eu não dizia, e como se tivesse pena de nós. Não me interrompeu, nem discutiu comigo, mas, quanto mais eu olhava para Ele, mais desejava não ter entrado nesta maldita profissão, e mais ansiava ver-me livre dela, e começar a vida outra vez.

Talvez isto te pareça ridículo, mas a verdade é que enquanto Ele estava ali sentado, eu perguntava a mim mesmo porque é que nós não somos todos como Ele. Todos nós somos doentes, só Ele é sadio. Lembrei-me do tempo em que tu e eu éramos ambos rapazes, e compreendi que tínhamos perdido o caminho. Se eu tivesse estado sozinho com Ele, penso que Lhe teria confessado a minha vida toda e perguntado o que devia fazer.

Ele podia ver que eu estava a perder o domínio dos meus sentimentos... dizem na cidade que Jonatán não possui sentimentos e eu quase tinha acreditado nisso, até hoje. Mas a verdade é que as lágrimas me vieram aos olhos e tive tanto desejo de uma vida melhor! mas sentia-me incapaz disso. E Jesus disse-me, como quem compreende tudo: "Não tenhas medo, Jonatán, considera tudo outra vez, e lembra-te que o teu Pai do Céu, sabe o que precisas. Não percas a tua vida a procurar salvá-la".

Bem, acabada a refeição, estava eu a despedir-me d'Ele à porta, quando a Raquel,

a meretriz, (tu conheces a sua vida), se aproximou da porta. Senti o sangue subir-me ao rosto, e tive medo que ela mostrasse que me conhecia. Mas ela só tinha olhos para Jesus. Alguns amigos d'Ele retiraram-se também, quando a viram; mas Jesus lançou-lhe um olhar que nunca esquecerei, aproximou-se dela e disse só isto: "Não peques mais, Raquel". Ela ficou a olhar para Ele enquanto ia, e depois cobriu o rosto com as mãos e correu pela rua fora, atrás d'Ele, chorando. Quanto a mim, olhei para Ele até o perder de vista, e custou-me muito não correr também atrás d'Ele.

Ele está a caminho de Jerusalém. Vai passar por Jericó. Falei-Lhe de ti. Tens de O vêr. Não permitas que nada te impeça de O vêr.

Paz seja contigo.

P. S.

O Benjamim acaba de entrar. Havia de gostar deste rapaz, Zaqueu. Deverei ser um pai melhor para ele. Lembras-te da primeira vez que tu e eu fomos ao templo? Tínhamos a mesma idade que o Benjamim tem agora, doze anos. Lembras-te como cantávamos, enquanto subíamos? "Quem subirá ao monte do Senhor? Quem tem mãos limpas e coração puro"?

Perdemos o caminho, Zaqueu. Mas penso, depois que Jesus aqui esteve, que Deus não nos abandonou completamente. Não pensas que nós os dois poderemos recomeçar?



Jesus, visto por Zaqueu, Comissário de impostos em Jericó

Meu caro Jonatán:

Fizeste de Zaqueu um homem pobre. Metade do que eu tinha poupado nestes muitos anos, foi-se num instante, e parece que o resto vai segui-lo. Foi a tua carta que fez isso e vou deixar o arrependimento

para ti, porque eu próprio não posso arrepender-me do que fiz. Estou demasiado contente para poder arrepender-me!

Disseste-me na tua carta que não deixasse de vêr Jesus, mas quase falhei. Foi há sete dias que ouvi dizer ter Ele entrado em Jericó, e saí para ver esse Homem que tal diferença tinha operado em ti; mas já vinha uma grande multidão em volta d'Ele; ora sendo eu mais baixo que a maioria, e não estando acostumado a receber favores do povo, não podia de maneira nenhuma aproximar-me d'Ele. Experimentei outro expediente: corri adiante e trepei à copa de uma árvore onde fiquei à espera, certo de O poder ver de lá muito bem. Vi-O à distância. Observei-O enquanto Ele vinha e pensei que iria vê-Lo passar e deixar-me para trás. Chegou a três passos de mim e parou. Olhou-me em cheio no rosto e disse-me, como se eu fosse um antigo amigo Seu: "Zaqueu, desce depressa, tens de Me deixar ficar hoje em tua casa".

Fiquei eu contente? Tenho perguntado a mim mesmo mais de cem vezes, porque é que estas palavras me comoveram tanto. Mas, não será nada, Jonatán, ao cabo de tanto tempo, ser tratado como um homem? Ele deu-me a Sua amizade. Os párias têm de procurar amigos entre os párias, porque não tem outros. Mas que necessidade tinha Ele de mim?

Não perdi tempo algum. Saltei do ramo em que estava empoleirado e acolhi-O o melhor que soube, e a seguir voltei-me para Lhe ensinar o caminho da minha casa.

As minhas dificuldades começaram logo. Ainda não tinha andado vinte passos, antes de sentir que alguma coisa ia mal, e a verdade é que devia mesmo prever isso. A atmosfera mudou, Jonatán. A tagarelice

da multidão cessou. Até os rapazes se calaram. Fez-se um silêncio horrível. Apagou-se a luz no rosto dos homens e não vi nada em redor, senão raiva e desdém.

Tu dirás que já muitas vezes antes temos visto isso. Sim, é certo; mas se o não merecíamos? tu e eu, pelo menos, costumávamos pagar-lhes da mesma moeda. Porém devia eu arrastá-Lo para a lama em que eu estava? Senti como se Ele tivesse perdido todos os Seus amigos num instante, e os tivesse perdido por minha causa. Depois as vozes recomeçaram. Chamaram-me todos os nomes do costume. Já não se dirigiam a mim mas tratavam de O atingir a Ele. "Olha, Ele vai lá comer!", — exclamou um. E ouvi logo a resposta: "Ah! sim, Ele sabe escolher a melhor mesa"... "E o melhor vinho", acrescentou outro. Ele ouviu tudo isto, assim como eu.

Comecei a pensar se Ele estaria arrependido de se ter envolvido comigo, e enquanto eu estava a pensar nisto, Ele aproximou-se mais, à medida que caminhávamos, e disse-me: "Terás lugar para estes outros amigos Meus"? — e apontou para os jovens que vinham com Ele. Eu disse que sim, mas estava quase louco e não podia desempenhar o meu papel por mais tempo. De facto, Jonatán, toda a minha armadura desaparecera. Se eu pudesse defender-me deles e dizer: "Esta gente calunia-me. Publicano sou, mas as minhas mãos estão limpas"... Mas não, não podia dizer isto. Desta vez o povo tinha razão, ao dizer que a minha casa não era lugar próprio para Ele. Olhei para Ele e os meus olhos abriram-se. Ao lado d'Ele, todos nós somos ordinários e impuros. As orelhas ardiavam-me e os meus pensamentos eram muito confusos. Mas ainda estava a dizer de mim para mim:

"Ele não deve entrar na minha casa em vão; e mesmo quando chegamos a casa, a luz brilhou sobre mim e compreendi o que devia fazer.

No átrio, virei-me e tirei a capa: "Escuta, — exclamei eu então, dirigindo-me a Jesus" — darei aos pobres metade da minha fortuna, e, se tiver defraudado alguém, pagar-lho-ei quadruplicado". Depois a língua falhou-me e olhei para Ele, a ver se podia ajudar-me. Eu não podia ler os Seus pensamentos, mas havia um sorriso no Seu rosto e fiquei contente. Levantou a mão para abençoar a minha casa e disse: "A salvação entrou hoje nesta casa. Zaqueu também é filho de Abraão". Sim, disse isso, essas foram as Suas palavras! Disse que eu não era um pária, e achei, Jonatán, que um filho de Abraão, pode invocar o nome do Deus de Abraão. "O Filho do Homem" — disse Ele (era este o nome que Ele dava a Si Mesmo, quando tu O encontraste"?...) O Filho do Homem, veio procurar e salvar os perdidos. É estranho que eu não soubesse que estava perdido enquanto não fui encontrado!

Bem, Ele entrou em minha casa e ficou connosco. Tudo o que posso dizer é que nunca mais seremos os mesmos. Velho como sou, comecei outra vez a vida. Ele, já partiu para Jerusalém onde, receio, terá muitos inimigos. Tenho ouvido muitos rumores maus, por isso, amanhã seguirei também para Jerusalém, porque quero saber o que se passa.

Agora a respeito do dinheiro. Sairemos desta casa daqui por um mês. O nosso velho criado, o Zacarias, ficará connosco, porque não tem vontade de nos deixar; mas os outros vão-se embora. Tenho andado a fazer a restituição, como prometi.

Não é fácil, mas é mais fácil do que eu esperava, e penso que estou agora quase no fim disto. Alguns julgavam-me doido, mas aceitaram o dinheiro, pegando nele depressa, com medo de que eu recobrasse o juízo a tempo. Alguns pareciam compreender e não queriam aceitar tanto, e alguns deram-me a bênção de Deus com as lágrimas nos olhos. O velho Issacar é que por pouco me ia fazendo cair. Ele tinha-me enganado uma vez, passando 19 caixotes quando tinha pago só 9. Por isso, quando tive oportunidade, vinguei-me. Veio pedir restituição, mas não ofereceu nenhuma da parte dele. Paguei-lhe e disse que estávamos mais do que quites. Mas ele virou-se e disse: "Depressa te cansaste de ser filho de Abraão, Zaqueu, agora que o teu novo Amigo se foi embora. Já vejo que devia ter vindo mais depressa para tomar a oportunidade, enquanto a mania durava". Mandei-o voltar atrás. Contei o dinheiro e dei-lho, dizendo: "Obrigado, Issacar, por me teres lembrado. Por amor do meu novo Amigo, toma o dinheiro. É teu. E que o grande Deus seja tão bondoso para contigo como Jesus o foi para comigo".

Paz seja contigo.



O Prestígio do Nome...

Tendo-se Tolstoi esquecido de assinar um conto bíblico que enviou a certa revista, como tardasse em o ver publicado indagou do motivo. Pelo título foi encontrado o manuscrito entre os recusados. Tinham-lhe apostado a seguinte nota: "Má imitação de Tolstoi; não publicar".

Tinha-lhe faltado o prestígio do nome! (Conta-o Mário Matos no livro "Machado de Assis").

Judas

É precisamente o Judas que tu pensas, amigo leitor; o Iscariotes, conhecido dos religiosos; o do beijo falso no drama getsemânico, conhecido das multidões; o discípulo traidor, conhecido de todo o mundo.

Mas "Judas" não quer dizer "traidor" conquanto que o povo se tenha apropriado deste nome para o usar como epíteto injurioso. Direi até que "Judas" — forma grega do "Judá" hebraico — significa "louvado". O sobrenome "Iscariotes" veio-lhe de **Kiriot**, cidade da Judeia, donde devia ser oriundo, com a junção do prefixo **Is**, que na mesma língua se traduz por "homem".

Anàlogamente foi Jesus chamado "Nazareno"; Simão, "Cireneu" (o que ajudou a levar a Cruz ao Gólgota); José "de Arimateia" (o que cuidou do corpo do Senhor para o sepulcro); Paulo "de Tarso" etc. etc.

O homem de Kiriot, foi um dos doze discípulos de Jesus, bem como um dos doze "Judas" da Bíblia (6 em cada Testamento).

S. João chama-lhe por vezes "o filho de Simão".

Talvez por ter revelado faculdades especiais para isso, desempenhava função de "tesoureiro da confraria". Era avarento e creio que a ambição de chegar a "ministro das finanças" no Reino que ouvira Jesus anunciar, se lhe arrefeceu na tarde da multiplicação dos cinco pães de cevada e dois peixinhos, quando o Senhor se retirou sozinho para o Monte, recusando-se a ser rei.

É o condiscípulo João que o aguarela roubando dinheiro da bolsa que lhe fôra

confiada e usa tons carregados para as suas palavras de aparente piedade pelos pobres, quando Maria ungiu os pés do Salvador. Não nos surpreendemos em saber que o Mestre reprovou Iscariotes em prol da irmã de Lázaro. Quem melhor do que Ele conhecia os pensamentos do coração de Judas? Quantas oportunidades teve este discípulo para se converter! Todavia nunca se converteu, porque as suas esperanças fundaram-se meramente num reino material.

Principiou então a aborrecer aquela vida pouco lucrativa e sabendo que os sacerdotes buscavam um meio propício para prender Jesus, deliberou especular o assunto: foi procurá-los.

"Que me quereis dar e eu vo-lo entregarei"? Propõe-lhe Judas.

E como em tantos outros crimes que se cometem usando o nome de Deus, pretenderam eles dar ao assunto a autoridade de Jeová, buscando nos pergaminhos de Moisés as leis sobre os que ferem qualquer pessoa. Encontraram, na verdade, em Exodo a que diz respeito a um servo que se fere e pelo qual se deve dar trinta peças de prata. Judas aceitou, voltando para junto dos companheiros, jubilante pelo negócio que fizera com os ingénuos sacerdotes.

"Julgam eles que prenderão o Rabi", pensava Judas:

"Expulsaram-no da sinagoga da Nazaré, conduzindo-o ao Monte para dali o precipitarem, mas com grande surpresa de todos passou-lhes pelo meio e foi prègar em Capernaum;

"Procuraram depois apedrejá-lo, mas a sua inefável eloquência fez cair por terra todas as pedras dos adversários; e do mesmo modo livrou piedosamente uma mulher de ser apedrejada;

"Aqui em Jerusalém, todos os dias prèga no templo e ainda não conseguiram deitar-lhe a mão;

"Escribas interrogaram-no sobre a Lei, saduceus sobre a Ressurreição, fariseus e herodianos, sobre César, mas todos se retiram confundidos com o seu extraordinário poder de palavra;

"Nunca homem algum falou como este", dizem aos fariseus os meirinhos enviados para o prender.

"Querem agora estes débeis sacerdotes aprisionar o Rabi"!

Entretanto chegou a Páscoa e Jesus sentou-se à mesa com os doze para a celebrar, sabendo que era a última. Tinham começado a comer, quando o Senhor declarou: Um de vós me trairá. Todos o interrogaram, incluindo Judas: "Sou eu, Mestre? A este respondeu simplesmente: "Tu o dizes".

É ainda João que testifica da incompreensão dos discípulos para estas palavras, mas o traidor devia ter estremecido. Saiu imediatamente e foi solicitar a recompensa aos sacerdotes, dizendo-lhes que tinha chegado a melhor oportunidade.

"Aquele que buscais ficou a comer a Páscoa com os onze, mas depois irá, como de costume, para o horto além do ribeiro de Cedron, no Monte das Oliveiras. Preparai-vos, que eu vos guiarei".

E a multidão, enviada com espadas e varapaus, rompeu a noite calma com a luz dos archotes; Judas ia à frente.

Como o vestuário e parecer de Jesus era idêntico a qualquer discípulo, Iscariotes antecipou-se súbitamente para o saudar com o beijo habitual e assim dar a conhecer à multidão oculta que era aquele. Assim terminaria o negócio de Judas.

Mas não terminou, antes começou!...

Começou realmente a dúvida no espírito do filho de Simão, vendo falharem gradualmente as suas conjecturas. Acompanha febril todos os movimentos do seu Mestre, na expectativa duma manifestação sobrenatural. Jesus porém deixa-se conduzir à presença de Caifás, e do pátio da casa do sumo sacerdote, perto de Pedro, assiste Judas ao julgamento e condenação do Salvador.

Judas seria tudo menos o criminoso cuja avareza se transforma em sede diabólica; por isso sente-se vergar ao peso do seu pecado.

Horrorizado corre ao Templo para implorar a correcção do engano, e em gestos alucinadamente confrangedores aproxima-se do lugar santo e clama em angústia:

"Pequei, traindo o sangue inocente!"

Se Judas Iscariotes não reconheceu a divindade do Senhor, pelo menos estava convicto da Sua inocência e santidade. Oh, que maravilha, se ele compreendesse que no coração de Jesus Cristo também havia lugar para o seu arrependimento!

A palavra que no primeiro Evangelho se traduziu "arrependimento" a respeito de Judas, não define exactamente o vocábulo *metameletheis*, que S. Mateus usou. Melhor verteremos "desassossegado" ou "com remorsos". Este mesmo termo é usado na parábola de Jesus sobre o filho que se recusou a ir trabalhar na vinha de seu pai, mas que depois se "arrependeu" e foi; e S. Paulo diz também na segunda carta aos crentes em Corinto:

Ainda que vos contristeis com a minha carta, não me "arrependo" — *metamelomai*.

Na mesma Epístola, dois versículos depois, escreve o Apóstolo: A tristeza segundo Deus opera **arrependimento** "para a salvação"... mas a tristeza do mundo opera a morte.

Ora este "arrependimento" para a salvação, no original grego *metanoia*, não foi o do filho do vinhateiro por se recusar ao trabalho, também não foi o de S. Paulo por repreender os cristãos de Corinto e concluímos logicamente que não foi o de Judas Iscariotes. Ele simplesmente sentiu "*metamelethos*" e não "*metanoia*".

Só cinco vezes este vocábulo ocorre em todo o Novo Testamento, enquanto *metanoia*, arrependimento para a salvação, aparece 53 vezes, duas das quais traduzido por "conversão" e uma por "emenda".

O malogrado Iscariotes olhou para si, sentiu o remorso pela sua falta e destruiu-se desesperadamente.

Ah, se ele como Pedro tivesse olhado para o Salvador Jesus, após o reconhecimento da sua cumplicidade, talvez hoje tivéssemos a história mais sublime duma conversão maravilhosa.

Foi somente o remorso que levou Judas a confessar-se aos impotentes sacerdotes, ignorantes do Deus de Misericórdia. Que extraordinária oportunidade tiveram aqueles eclesiásticos! Talvez Judas se tornasse um cristão melhor do que Zaqueu, de quem não se ouviu falar mais, ou do que Pedro, de quem ainda hoje aprendemos através dos Escritos, mas que no sentido lato da palavra também traiu o seu Mestre.

A alma do desgraçado discípulo continuava a lutar nas trevas do pecado, ferindo os pulsos contra as quatro horríveis paredes da sua dolorosa existência. Nesse momento cruciante odeia todos, odeia-se a si próprio, odeia o misérrimo dinheiro que se torna rubro de maldição e lhe queima as mãos, por isso o arremessa com fúria irreverente aos pés dos sacerdotes, no lugar santo.

Encaminha-se alucinadamente para fora da cidade, pois todos lhe parecem

fantasmas; ele próprio se sente espectro. Atravessa o ribeiro e alcança o Monte por onde David subiu, chorando a traição de seu filho. Judas revolta-se contra a sua própria traição, ouvindo a voz do crime que lhe brada furiosamente, sem que dela possa fugir.

Pára extenuado e sem esperança do Céu ou da Terra; ouve no murmúrio cristalino do Cedron repercutir-se a voz doce do Rabi:

"Bom seria para esse homem se não tivesse nascido", "Amigo, a que vieste"?, "Judas, com um beijo trais o Filho do Homem".

O peso que transportava era superior às suas forças, como o é o de todo aquele que não busca em Cristo a Salvação.

Resolveu não subir mais o monte da traição e sente-se horrorizado em ter que descê-lo. Desata o cordão que usava para se cingir, prende-o a uma árvore que se debruçava sobre o precipício e fazendo o nó em volta do pescoço, lança-se no espaço.

O cordão, porém era fraco, não tardando a obedecer ao peso do corpo que se precipitou nas rochas, rebentando pelo meio, como diz S. Pedro no discurso da sua substituição.

Assim pereceu uma alma que podia ter sido salva se apelasse para Aquele que a amou até ao fim.

"Não é lícito que ele volte ao cofre das ofertas", dizia o escrúpulo religioso dos sacerdotes, ao deliberarem comprar com o dinheiro de Judas e em seu nome, para que os seus não fossem contaminados, um campo para cemitério de estrangeiros.

Desapareceu Judas Iscariotes, desapareceram os sacerdotes e seus correligionários e desapareceu a multidão; mas Jesus Cristo ressuscitou cheio de Poder e vive para interceder por todos os "Pedros" e "Judas" que se arrependam para a Salvação. S. Mateus, 3:2.

Metanoëite, eggiken gar he basileia ton ouranon.

Bristol, Maio de 1953.

João Soares Carvalho

CAMÕES

NO

BRASIL

✓ ARDE lemos, e por favor dum amigo que assina a revista "Unitas", de S. Paulo, um artigo intitulado "A mistificação histórica do "Deus vult", e assinado por Martinho Lutero dos Santos, inserto no n.º 2 de 1953, daquela ponderosa publicação.

Traz esse artigo um argumento a que achamos flagrante novidade: "Camões, semi-cego que era, já descantava em soporíferos decassílabos, esta dilatação da fé (a das Cruzadas) chegando mesmo a convocar boa parte do Olimpo para celebra-la condignamente".

Ora aqui temos nós prosa nada soporífera, antes muito excitante, pelas novidades que nos apresenta! Primeira novidade é que a semi-cegueira de Camões, o Épico da Língua Portuguesa, "última flor de Lácio, inculta e bela", no dizer de Bilac (cujos sonetos talvez já sejam soporíficos para alguns estetas da nova geração) estava impedido de ver o que o Sr. Lutero dos Santos vê, porque tem dois olhos. Desta forma o lendário Homero e o histórico Milton (coitados!...) não viam nada...

Se os defeitos físicos influem tão decisivamente na arte, Pope tem uma poesia corcovada, Cervantes uma prosa manca, Shakespeare, Walter Scott e Byron só nos podem dar tragédias, romances e poemas coxos, e para vir mais próximo de nós, Helena Keller só nos dará uma elocução cega, surda e muda!

Sem perder a consciência humilde da nossa ignorância, atrevemo-nos a dizer que "provar demais é nada provar".

A dilatação da fé cantada por Camões nesses decassílabos que fazem dormir os novos — que os não lêem, senão à força, no ensino secundário, e, por isso, os desestimam — não é, em geral, a política das Cruzadas, "tentativas de expansão de economia pré-capitalista", mas a política dos descobrimentos, a que talvez se possa chamar expansão económica do proto-capitalismo (v. as obras do Sr. V. Godinho e outros); como Seebohm considera o movimento da Reforma Religiosa e Berdiaeff, se não erramos, considera o movimento calvinista: expansão económica do capitalismo, sem **pré**, nem **proto**.

E então que fica? Leia-se Tolstoi em "A Guerra e a Paz", para nos livrarmos dos tentáculos enganadores da filosofia marxista, e concluamos: há sempre uma dúzia ou mais de ambiciosos do poder, da fama, da riqueza, que se aproveitam dos estados colectivos que em geral não criaram mas exacerbam; e umas vezes abastardam os movimentos, outras vezes os traem por completo, e por vezes não os conseguem anular na nobreza dos seus intentos. Dentro desta "pantalha", então se poderão estudar os filmes das Cruzadas do século XII ou os descobrimentos do XVI, o Renascimento e a Reforma, e a actual luta racista e atómica, e não confundir o banditismo ocidental no Oriente médio, as crueldades de Fernão Cortez no Ocidente americano e as de Duarte Pacheco no Oriente extremo, a pulverização dogmática e o ódio sectário, a exploração das raças ditas "atrasadas", assim como a das classes deprimidas, com o amor cristão que deu camisas de algodão a quem só as tinha de esterco, que ensinou (ai! tão lentamente!) a ler a Bíblia, e **por meio** da Bíblia; que salvou da fogueira as viúvas da Índia; que livrou da infâmia e da suspeição os leprosos, os filhos "sacrílegos", os surdos-mudos e os loucos da Europa, e da morte ao desamparo os gêmeos da África e os velhos da Polinésia.

E quanto mais!

E havemos nós de responder à "mentalidade de horda e de rebanho" com a mentalidade, ainda mais primitiva, do individualismo da selva? Voltaremos a subir à árvore para espreitar o semelhante-inimigo, ou o inimigo-semelhante? Não! Imitando o senhor de La Pallece, ou o seu sócia português, o Amigo Banana, afirmemos que quem se não equilibra cai, pela certa!

RESPIGOS

OS IRMÃOS DE JESUS

EONCISO mas bastante completo, pareceu-nos que não seria destituído de interesse para os leitores de "Ecclesia" este estudo de Goudge sobre o velho problema bíblico dos "Irmãos" de Jesus. Por esse motivo o traduzimos.

S. Paulo menciona "os Irmãos do Senhor" (1 Cor. 9:5) entre os Apóstolos e Cefas (Pedro). É evidente que aos olhos dos Coríntios se tratava

de pessoas de grande importância. Quem eram então estes Irmãos de nosso Senhor? Seus nomes são-nos dados em duas passagens dos Evangelhos (Mat. 13:55 e Mar. 6:3) cuja referência os apresenta na mais estreita conexão com a Mãe do Senhor, com Seu Pai adoptivo e com o próprio Senhor. Não é claro qual o parentesco que de facto os ligava a Jesus. Três opiniões têm sido defendidas.

1) Eram eles filhos de José e de Maria e portanto verdadeiros irmãos de Nosso Senhor?

Este ponto de vista é chamado **Helvidiano**. Foi mantido por Helvidio (Século 4.º) e por mais alguns na Igreja primitiva e é o ponto de vista de muitos escritores modernos.

2) Eram os "Irmãos de Jesus" filhos de José mas de matrimónio anterior?

Esta teoria é designada por **Epifaniana**, visto ter sido o seu principal defensor, na Igreja primitiva, Epifânio, bispo de Constância (A. D. 367). É mais antiga do que a anterior e parece ter sido esta a tradição desde tempos muito remotos.

3) Teriam eles sido primos de Jesus, filhos de Alfeu ou Cléofas e de Maria, irmã da Bem-aventurada Virgem?

Foi esta a opinião de S. Jerónimo, que parece ter sido o primeiro a defendê-la.

Foi seguida por Sto. Agostinho e, de maneira geral, pela Igreja do Ocidente.

Esta terceira opinião não é admissível. É uma interpretação forçada da palavra "irmãos"; não tem apoio na tradição cristã primitiva; as próprias Escrituras são contrárias a este ponto de vista. A aceitação da teoria implica que "Tiago irmão do Senhor" (Gal. 1:19) e "Tiago filho de Alfeu", apóstolo de nosso Senhor (Mat. 10:3) eram a mesma pessoa. Mas é quase impossível considerar "Tiago, irmão do Senhor" como Apóstolo no sentido restrito da palavra. Os "Irmãos do Senhor" não somente constituem um grupo distinto do dos Apóstolos (Mat. 12:47; Actos 1:13, 14) mas também alguns meses antes da morte do Senhor ainda nem sequer eram crentes (João 7:3-5; comp. Mar. 6:4).

Entre a primeira e a segunda teorias já a escolha é mais difícil. A palavra "irmãos" não dá necessariamente grande vantagem á teoria de Helvidio. Nosso Senhor foi sempre conhecido entre os seus contemporâneos como o "Filho de José". S. José é chamado Seu pai mesmo por Sta. Maria (Luc. 2:48). Sendo assim, os filhos de

S. José seriam necessariamente chamados Seus irmãos. A favor do ponto de vista Epifaniano, é costume alegar que a atitude dos irmãos do Senhor para com Ele, é antes a de irmãos mais velhos (Mar. 3:21, 31; João 7:3, 4) e não é crível que nosso Senhor tivesse entregue sua Mãe aos cuidados de S. João se ela tivesse outros filhos vivos, que cedo seriam membros da Igreja, se é que não eram já crentes.

Os argumentos a favor do ponto de vista Helvidiano tirados de Mat. 1:25 ("E não a conheceu até que deu à luz seu filho") e Luc. 2:7 ("Deu à luz seu filho primogénito") estão longe de ser decisivos. Como escreveu Lightfoot, "a ideia principal contida na palavra "primogénito" não era a de ser o primeiro de vários filhos mas sim o valor especial do primeiro filho. S. Lucas mesmo, noutro lugar, mostra ser isto o que tinha em mente, quando ao citar o Velho Testamento, diz: "Todo o macho primogénito será consagrado ao Senhor (Luc. 2:23)".

Na ausência, pois, de provas escriturais definitivas somos deixados à tradição da Igreja e ao nosso sentido do que seria mais razoável que tivesse sucedido, e tanto uma como o outro inclinam-nos a considerar a teoria Epifaniana como a mais provável.

A tradição de que Maria foi sempre Virgem é tradição universal da Igreja; a única opinião discordante que se conhece é a de Tertuliano. A tradição de que os "Irmãos do Senhor" eram filhos de um primeiro matrimónio de José é muito antiga; encontra-se tanto no chamado Evangelho segundo S. Pedro como no Protevangelho de Sant'Iago, ambos da metade do Século II.

Tão pouco se pode desprezar aquilo que se chama a "objecção sentimental" ao ponto de vista Helvidiano.

De facto a tendência natural do Mistério Cristão, Deus manifestado em carne, quando cordialmente recebido, é gerar uma repugnância em crer que a madre que de tal forma foi divinamente honrada, tivesse depois dado nascimento a prol meramente humana. O sentimento em questão é um sentimento cristão e é difícil acreditar que um sentimento tão universalmente espalhado não represente a mente do Espírito.

Goudge (coment. à Primeira Epistola aos Coríntios)

versão de **Rev. Dr. L. R. Pereira**

O II Congresso da Igreja Lusitana, como Meio de Acção e Despertamento

É sempre um lenitivo enorme para a nossa alma, nesta vida de agitação e de balbúrdia, ouvir-se comentar, com interesse e entusiasmo, aqui e ali, um acontecimento de repercussão espiritual.

Por vezes até estranhámos que haja ainda neste mundo movimentos de consagração; que haja ainda quem olhe para o Alto; quem confie em Deus; quem olhe com carinho para a Sua Santa Igreja.

"Quem é cristão nesta terra de gôdos"? dizia Eurico, o Presbítero, o "cavaleiro negro", desesperado por se sentir só na luta contra a indiferença, contra a apatia, contra a mediocridade.

Quem é verdadeiramente cristão, hoje, nesta terra de lusos? podemos perguntar nós, olhando em volta, paralisados por tanta incredulidade, por tanta preocupação mesquinha, por tanta ambição mundana, por tanto rancorzinho disfarçado, esquecidos todos do AMOR de Deus, da doutrina sacrossanta do Evangelho.

Mas, homem de pouca fé, porque duvidas tu também? Homem de pouca fé, porque te submerges em teus próprios pensamentos, porque te alimentas de pessimismos que te perturbam, te fatigam e te afastam de Deus?

O que é impossível aos homens é possível a Deus. O mundo em sua consciência tem melhorado; a situação moral do mundo, hoje, não é a mesma que era em séculos passados, antes da vinda de Cristo.

Não vês com os olhos da tua alma, entre esta humanidade pecadora, o movi-

mentar de ideias e de sentimentos que revelam o desejo sincero de aproximação do Altíssimo? Não vês renderem-se aos pés da Cruz, contritos e humilhados, tantos de quem nada esperavas, na tua pequenez em compreender a fonte da vida que é Cristo?

Graças ao Pai Celeste, que na Sua Misericórdia nos deu Seu Filho amado, que na Cruz venceu a Morte. **Sursum Corda!** Aleluia! Cristo Ressuscitou!

É neste espírito de revivificação, de elevação das almas, de Fé, Esperança e Amor, que os membros da Igreja Lusitana se vão reunir num Congresso, em Porto e em Gaia, nos dias 29, 30 e 31 de Outubro e 1 de Novembro. É necessário arrancar mais uma vez, é necessário despertar de novo, alimentados por fé, espiritualmente e duma maneira celestial do Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Este II congresso, como o I, marcará, sem dúvida, um novo período na história da Igreja Lusitana. Esta Igreja, como muito bem disse recentemente um dos seus clérigos, não constitui um produto novo de importação em Portugal. É A IGREJA TRADICIONAL DA NAÇÃO PORTUGUESA EXPURGADA DAS INOVAÇÕES DO ROMANISMO E DE OUTRAS INOVAÇÕES.

Organizada em 1880 por um punhado de homens, tais como: cónego Pope, Rev. Cândido de Souza, Rev. Nunes Chaves, Rev. Ferreira Tôrres, Rev. Diogo Cassels, Rev. Henrique Ribeiro e outros, ela tem crescido em graça diante de Deus e dos homens, animada pelo ideal de restaurar a Igreja que existiu na Lusitânia, antes da fundação de Portugal e antes da sua ligação com a Igreja de Roma e da absoluta submissão ao seu Bispo.

Outros homens se lhes seguiram, Joaquim dos Santos Figueiredo, Josué de Sousa, Armando de Araújo, e Ferreira Fiandor, estes três últimos ainda felizmente vivos e dando o melhor do seu esforço, juntamente com os outros obreiros que mais recentemente se lhes uniram, cheios de entusiasmo e abnegação, constituindo o esforçado clero da Igreja Lusitana.

Os congressos servem para unir forças, cerrar fileiras, batalhar por um ideal. É pois este II Congresso duma oportunidade única para muitos poderem cooperar, estando presentes, apresentando e discutindo teses e comunicações, e apoiando as iniciativas aprovadas.

Cada crente tem um papel a desempenhar. Não um papel estático, mas sim um papel dinâmico. A junção dos crentes, a união de todos os valores, de todas as personalidades, é necessária em absoluto para a realização dos objectivos da Igreja.

Bem hajam, pois, todos os que derem o seu auxílio a este congresso, respondendo à chamada, em espírito pleno de oração e com a alma vibrante de entusiasmo e de Fé.

É urgente, na verdade, movimentar toda esta juventude que anseia por trabalhar; é preciso fazer agitar a grei feminina, cujo papel é primordial na arte da Igreja, na influência dum lar cristão, nas obras sociais, na assistência moral; é indispensável despertar todos os homens e fazer-lhes compreender que os leigos são o esteio forte na expansão do Evangelho. Alguém já lhes chamou a tropa de choque da obra missionária de cada congregação.

Irmãos, pensai e orai pelo II Congresso da Igreja Lusitana. É necessário que este Congresso constitua um despertamento geral, um ponto de partida para maiores empreendimentos. É essencial que os seus membros

criem a consciência da valorosa obra de Reforma Religiosa que a Igreja Lusitana vem realizando há mais de setenta anos, dentro das tradições e das tendências anímicas do nosso povo e em pura fidelidade ao Evangelho de Cristo, num ritual belo em sua singeleza, sublime em o seu significado, claro em a sua compreensão.

Trabalhai pois pelo II Congresso. Trabalhar pela causa de Cristo e da Sua Igreja é um dever que se impõe e que está acima de todos os deveres.

E que Deus nos abençõe a todos.

Dr. Leopoldo de Figueiredo

Desejos Juvenis

As "Juventudes Nacionalistas" manifestaram-se, durante o período eleitoral de 53, pela "criação da Universidade Católica Portuguesa", e ao mesmo tempo afirmaram nobremente que lutariam "pela união de todos os Portugueses, de todos os credos e de todas as cores em torno do altar da Pátria".

Merecem estes generosos sonhos da Mocidade algumas considerações de simpatia, que nos propomos aqui fazer.

Começaremos por esta pergunta: não lhes parece que há uma certa incoerência entre a promoção do encontro patriótico dos Portugueses de todos os credos, e a criação oficial duma universidade católica? Se entendemos por essa designação o Catolicismo Romano, com o primado geral na pessoa do Bispo de Roma, sobe de ponto essa incoerência, porque Roma só admite a coexistência de outros ritos e doutrinas onde não domina em absoluto, para os eliminar. Entretanto, se, como é justo, a sonhada Universidade Católica é

"cismontana", isto é, se admite um "catolicismo católico" — deixai-nos dizer assim, — englobador da "Confissão Ortodoxa da Igreja Católica e Apostólica Grega", da "Comunhão Velho-Católica", e de todo o Protestantismo de estrutura a afirmação católicas, ainda parece repelir-se o pensamento de outras místicas, não cristãs, de junto do altar da Pátria.

Católicos Portugueses somos nós, e quantas vezes nos sentimos desprezados, e até odiados por certos liberais, como os do jornal "República", que nos tem acusado de "reaccionários". São esses jornalistas talvez lidos em Bossuet, que considerava o Protestantismo um retrocesso de subserviência aos poderes de Estados autoritários. Quando nós, afinal, como cristãos, respeitamos todos, oramos por todos, e não devemos como crença e como igreja interferir nos assuntos civis.

Como tudo isto é! Quantos filhos e netos deixou por aí o Padre-mestre Simão Rodrigues!

Mas voltando ao manifesto, tão simpático, fruto de sonhos juvenis: consola-nos verificar o desejo de união de todos os Portugueses, brancos e negros, vermelhos ou azuis, em torno do altar da Pátria. E quanto à Universidade, deixai um velho sonhar convosco, lembrando as palavras de S. Pedro, no que citava o Profeta de Israel: "os vossos mancebos terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos"...

Porque não haveríamos de ter uma universidade, não importa como se chamasse, com cadeiras de estudos hebraicos e islâmicos, talvez até budistas e indus, e com certeza biblistas e papistas, ou romanos e evangélicos, como quiserdes, visto que Portugal não é uma província do Vaticano mas um Império formado na lenta mas segura compreensão de respeito mútuo, da tolerância cívica, que explica, nestes dias calamitosos, a paz e a serenidade da vida ultramarina?

Maurraz fazia transcender o seu catolicismo do ideal cristão, que desestimava; fazia-o, ou fê-lo em certa altura da sua longa vida de polemista, talvez por desejar a "ditadura paternal" que esteve em moda na Europa do século XVIII. Nesse sentido a Universidade Católica Portuguesa poderia ter, sob esse título, todas as tais cadeiras no seu **currículum** de estudos. Formar-se-ia uma cultura nova, expoente duma ânsia de fraternidade e, quem sabe?, imperaria porfim Aquele que disse: "Quando eu for levantado da terra, tudo hei de atrair a mim"!

Revisão "Autorizada"?

INSISTE-SE? Insistiremos também.

No número 23 do interessante boletim "A Bíblia no Brasil", o Rev. Robert G. Bratcher, que é seu colaborador efectivo, diz-nos, em um erudito artigo que "está no prelo a segunda edição da "Revisão autorizada" do Novo Testamento de Almeida, patrocinada pela Sociedade Bíblica do Brasil". Volta-se, pelo visto, a um adjectivo impertinente, que parecia, por gentil officio que receberamos, ter sido abandonado. "Impertinente" note-se, porque não é pertinente.

Onde há algo autorizado é porque existiu alguém com direito a autorizar. Uma espécie de "Nihil obstat" e de "Imprimatur". Gostaríamos de conhecer, e não simplesmente supor, as razões psicológicas, ou outras, daquela afirmação.

Imitou-se o Rei Jaime ou Gustavo Vasa?

Mas as condições históricas e políticas dessas autorizações, a inglesa e a sueca, eram bem diferentes das gerais, no mundo de hoje. Aqueles reis eram virtualmente chefes civis das Igrejas autocéfalas. Hoje muitíssimos protestantes impugnam tal interferência, que dá muito para discutir. Três ou quatro grandes confissões cristãs, orientais, anglicanos, luteranos, presbiterianos, têm de pensar um pouco, antes de condenar em absoluto o sistema. Mas adiante... Houve razões históricas para as versões autorizadas. E agora? Agora...

A língua portuguesa pertence a todos que a falam.

A Bíblia pertence a todos que a amam.

As possibilidades lógica, jurídica, económica pertencem a todos que as adquirem...

Cada ataque à pureza da linguagem, à genuinidade do texto bíblico ou às leis do pensamento, da ordem social, ou da económica, encontrará o correctivo que lhe é próprio, sem que se haja preventivamente impedido a livre expressão.

Onde fica, então, no que diz respeito ao texto bíblico, a capacidade de autorizar? Para uso duma comunidade particular, está certo; mas não para a grei geral.

A versão de Almeida, nem de Almeida é já; nem dele nunca foi, por completo. Holandeses a concluíram, a controlaram, a financiaram, a

"corrigiram" deturpando-a na sintaxe; norte-americanos e ingleses tomaram a seu cargo novas revisões, que benemèritamente custearam; e hoje, quanto à forma original, se pode dizer o que disse o cronista antigo àcerca da nossa língua: que "a trazem mais remendada do que capa de pedinte".

Afinal, que poderia ser o estilo dum português do século XVII, saído da Pátria aos catorze anos, que forçosamente fez na remota Java a sua cultura linguística, depois do latim talvez aprendido com o tio padre, em Lisboa? Valeu-lhe, na versão dos originais, ter à vista, como auxiliar valioso, a versão holandesa. É, contudo, para nós evidente que ele se deixou influenciar pela sintaxe germânica, na colocação dos complementos, ou os pastores holandeses que (vê-se pelas actas das "Classes" de Amesterdão) o desdenhavam como um quase-indígena, se atreveram a alterar-lhe toda a construção sintáctica, o que é menos provável.

*

Mas a história vai-se repetindo, em certas linhas. Quem escreve estas linhas, director de "Ecclesia", é decerto, por pouco tempo, um dos raros sobreviventes de vários movimentos, contactos e comissões donde surdiram quase sempre equívocos, que parece ninguém ter procurado desfazer, entre a humilima acção portuguesa reformada e a estrondosa e feliz actividade protestante brasileira. Estará ele, por isso, em condições de ser o cronista desses equívocos que, pelo visto, continuam lamentavelmente reproduzindo-se?

Encerraremos entretanto, este modesto desafo afirmando que é nossa convicção não ter a Sociedade Bíblica do Brasil, nem qualquer das beneméritas sociedades que desde há século e meio existem para ajudar directamente as igrejas e difundir indirectamente a Igreja, capacidade para declarar autorizada qualquer revisão. Pois qual o não é, se a obra caiu há muito no domínio público?

Nem o governo do illustre Sr. Getúlio Vargas, nem nenhum governo deste mundo tem capacidade especial para o fazer também. Do mesmo modo, nenhum homem, nenhum cristão, por mais famoso que seja, ortodoxo, pseudortodoxo ou heterodoxo seja um Schweitzer, um Pio XII, um Barth um Niebuhr, tem qualquer direito expresso de autorizar, ainda que pode ser uma autoridade pelo valor da sua obra pessoal. Essa autoridade demonstrou-se em vez de se declarar.

Evidentemente este mundo continuará girando nos seus dezassete movimentos conhecidos, sejam quais forem os equívocos em que caímos; mas sempre será útil procurar um entendimento, dando às palavras o sentido que elas têm, e não forçando a semântica sem vantagem.

Nada do que fica dito implica a suposição de que tenhamos, nós, portugueses, grandes autoridades nas línguas originais da Bíblia, para o caso matéria fundamental. Mas conhecemos a nossa própria língua, o que também de suma importância é. Vivemos muito próximo daqueles montanhesees que, v. g., segundo o parecer do grande gramático e nosso saudoso amigo Eduardo Carlos Pereira, são mestres incontestados de brasileiros e portugueses, em topologia pronominal. Sempre teremos, pois, alguma coisa que dizer, adentro da humildade que nos impõe o monumento maravilhoso da Graça Divina, as Santas Escrituras.

Para terminar: *

O Conde de Keyserling disse, num dos seus livros, que Portugal se alegoriza num homenzinho pequenino, com uma grande pluma no tricórnio, que, no século XVII, ao ver o exército do duque de Alba parar para formar a "um de fundo", junto duma ponte estreita da fronteira de Espanha, dissera para o general invasor, com grande rasgo de delicadeza: "Podem V. S.^{as} passar, que eu dou licença"!

Mas desta feita não foi Portugal a criar uma autorização inoperante.

Pancristianismo

NOME é este proposto pela encíclica **Mortalium animus**, de Pio XI, de 1928, para designar os esforços ecuménicos dos cristãos reformados. O propósito evidente do termo, de estabelecer comparação com o pangermanismo, o pan-eslavismo, o pan-arabismo e o pan-americanismo, os dois primeiros termos a rotularem tácticas imperialistas, e os outros dois marcando processos políticos de defesa étnica ou de fortalecimento económico, não o tornaram aceitável pelas Igrejas Ortodoxas e Reformadas, a quem se quis aplicá-lo,

pois a "Ecúmena" por essas igrejas alvejada é uma unidade espiritual, idealmente perfeita, e não uma absorção imposta ou uma plataforma de compromisso. O ecumenismo tem como um dos seus pilares o princípio de Cristo — "O meu reino não é deste mundo", e assim distingue os processos relativos e terrenos, do alvo absoluto e extremundo. Por metáfora, tanto o catolicismo papal como o ecumenismo reformado se poderiam chamar **pancristianismo**, como sendo o imperialismo espiritual de Jesus Cristo; mas há diferenças radicais nos meios desenvolvidos para atingir esse imperialismo. Na Igreja Latina deu-se, segundo o conceito reformado, a hipertrofia do episcopado romano, isto é, um órgão episcopal assumiu funções gerais em detrimento do equilíbrio funcional dos órgãos idênticos; na Ortodoxia deu-se, no conceito romano, uma intromissão do Estado na vida da Igreja, ou uma subserviência desta a corpos políticos, produzindo, por meio das dioceses auto-céfalas, uma espécie de **policefalia**. Nas Igrejas Reformadas viram as Igrejas Latina e Grega a quebra do princípio de catolicidade e uma vertigem de divisão a que se não vê termo, devido à ausência do juízo colectivo e à consequente tendência de cissiparidade na expansão vital e de negativismo erecto em doutrina. O padre Agnelo Rossi, no **Directório Protestante no Brasil**, dá-nos um nítido conspecto do assunto, que aqui compendiamos: A verdadeira Igreja de Cristo, segundo as palavras do Mestre, jamais deixou de existir, mas permanece oculta no meio de doutrinas adicionadas e espúrias, que existem nas três igrejas cristãs: a Igreja Evangélica (desde que elas sejam consideradas como que formando um todo), a Igreja Oriental (admitindo igualmente a sua hipotética reunião material; e a Igreja Romana, de facto existente em unidade aparente, com unicidade de sede e de chefe visível. Estas três igrejas professam doutrinas que se classificarão de primárias, secundárias e laterais. As laterais são as que se desenvolveram depois da separação dos três grupos, como sejam na Igreja Romana os decretos do Concílio de Trento, o dogma da Imaculada Conceição, o da infabilidade papal, da Assunção de Maria, etc.; na Igreja Oriental o nacionalismo eclesiástico, e na Igreja Evangélica, o individualismo e certo racionalismo. As verdades ou doutrinas secundárias são verdades primárias modificadas pelos teólogos, como sejam o número e a significação dos sacramentos, os graus de

ministério, etc. Verdades primárias são as que as três igrejas ainda hoje conservam intactas: o dogma da SS. Trindade, da Divindade de Jesus Cristo, e em geral todas as que se contêm do Símbolo dos Apóstolos. Eliminando as verdades laterais, deixando livre a cada um admitir as verdades secundárias e considerando como essenciais as doutrinas primárias, teríamos a Igreja de Cristo, a Igreja Santa de Deus, na linguagem protestante. Pio XI condenou esta teoria contrapondo-lhe a doutrina romana, assim resumida: A Igreja é una, única e perpétua, pela vontade do seu fundador (unidade de jurisdição, magistério e sacerdotício). Se a Igreja de Cristo é imperecível deve ainda hoje subsistir com seus caracteres essenciais, a não ser que admitamos em Cristo ou a mentira ou a impotência em realizar suas promessas, o que é absurdo. Erram portanto todos aqueles que estabelecem as palavras de Cristo "para que todos sejam uma só coisa" como um voto e desejo que ainda carece de cumprimento. Expondo em seguida a doutrina a que chama pancrestã, comenta as consequências de aí originadas em relação à Igreja e ao papa e diz que o tratar a Igreja Romana em paridade de direitos, procurando assim conservar tenazmente as suas opiniões, é persistir na causa tristíssima da sua separação do único ovil de Cristo. Por fim declara que a Santa Sé e os seus fiéis não podem participar dessas reuniões e congressos, porque seria emprestar autoridade a doutrinas errôneas, favorecer o indiferentismo e pactuar com o erro, coisas que nem a caridade nem a fé permitem. Refuta ainda algumas objecções da **Bíblia** e da razão, e indica, como únicos meio para realizar a unidade, a volta à Igreja de Roma, como única e verdadeira Igreja de Cristo, que nem se contaminou no decorrer dos séculos nem se pode corromper; sendo necessário, no entanto, ao penetrar nessa única igreja, reconhecer e submeter-se à legítima autoridade dos sucessores de Pedro. Do lado reformado defende-se, geralmente, em resposta aos argumentos papais, um catolicismo que, na maior parte das suas escolas, corresponde de certo modo ao que os teólogos romanos designam de "alma da Igreja" (V. Paul Vigué, director do Seminário de S. Sulpício, Paris, in **Ecclesia**). Mas as Igrejas Evangélicas Episcopalianas propugnam um catolicismo visível como corpo em que essa alma encarna e consideram as igrejas nacionais (ou melhor se diria étnicas) como ramos cuja diversão de crescimento é consequência do meio em que cada ramo se desenvolve, não

devendo essa diversão atingir os fundamentos da fé, o que constituiria a "heresia", nem devendo tão-pouco romper com a tradição da Igreja Una, que entregou à Cristandade a **Bíblia**, depósito da fé cristã, o que caracterizaria o "cisma".

(Colaboração do nosso director na "Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira", aqui reproduzida com pequenas correcções).

"CATÓLICOS POR ACASO"

O director de "Ecclesia" dirigia-se, na quinta-feira 18 de Março, para a oração de vésperas no templo da sua Igreja, quando percebeu que dois jovens lisboetas, de dezoito a vinte anos, iam incomodando, como é de uso na nossa capital e entre a nossa juventude, duas meninas que, muito juntas, como que a procurar forças de resistência a algum atropelo maior, caminhavam na sua frente. Estugou o pastor evangélico os seus passos, no propósito de se tornar útil às perseguidas se fosse necessário; e nesse momento verificou que as duas jovens subiam a escadaria do templo, enquanto os jovens perseguidores paravam fazendo comentários néscios ao "protestantismo"...

E foi então que, às exortações um tanto enérgicas que lhes eram dirigidas, um dos jovens fez esta eloquente declaração: "por acaso sou católico"!

Sucede que nós, católicos conscientes e não por acaso, somos levados a ligar aquela declaração com o imbecil testemunho de quem se intromete com as filhas e as irmãs de outrem, sem elegância moral, ao menos; sem a menor noção do que seja cavalheirismo.

Gostaríamos de chamar para o caso a atenção das respeitáveis autoridades do catolicismo romano na "Província Portuguesa", que decerto desejarão possuir no seu seio mais cavalheiros e menos "católicos por acaso"!

NA SEARA

"Ecclesia"

A nossa revista parou por alguns meses; e o seu modesto director, enfraquecido e assoberbado de encargos, pensou que não reassumiria a sua direcção, onde tem registado bastas falhas, que não esquece. Mas o colendo Sínodo da Igreja, confirmando-lhe de forma honrosa a confiança, impôs-lhe que continuasse, com a esperança de maior colaboração no cargo, e também na paróquia que tem sob sua responsabilidade pastoral.

Aqui estamos, por isso, ao fim de uma produção intensa. A força das circunstâncias o venceram, vencendo também aqueles que o prendem ao cargo com expressões de imerecido apreço.

Assim, os estimados assinantes recebem um número referente a metade do ano, número que é triplo, não só no tempo que regista, como no número de páginas, como é de justiça. Entretanto, a todos pedimos que nos desculpem a falta.

Desejamos dar-vos no seguimento da nossa tarefa, artigos como estes que enumeramos:

"O Mistério do Mosteiro da Batalha"

"Herculano, o Plágio e a Hiper crítica"

"Diogo Cassels: um depoimento pessoal; fragmento duma biografia em dívida"

"Um ministro luso-católico na descendência de Herculano"

"O Teatro do Regresso" (Autos Bíblicos).

Curso para Analfabetos

Inspirado no movimento que honra os nossos governantes, o jovem seminarista da nossa Igreja Sr. Manuel de Sousa Campos

iniciou, na congregação de S. Paulo, a que pertence, um curso onde se mantêm 18 alunos, que espera aprontar para a 4.^a classe um deles, e vários para a 3.^a e 2.^a. Silenciosamente e assiduamente, este bom amigo, que está por sua vez completando o curso de educação religiosa, para seguir para a Missão do Uige como professor primário, tem feito uma boa obra, ganhando as simpatias de todos que sabem apreciar o verdadeiro esforço, calmo e fecundo.



LUSOGRAMAS

— Praticamente as Sociedades Bíblicas atingiram um terço das línguas que se falam no mundo: sejamos gratos. Mas faltam dois terços: colaboremos. Depois, há o problema do analfabetismo e da distribuição, nem sempre perfeita, como tudo que é humano. Resta-nos a radiotelefonía, para levar o Evangelho "a toda a tribo e povo e língua". Mas a radiotelefonía está tão ocupada com certas políticas vesgas e certas canções fanhosas...

— O que impede o desarmamento das nações é a obstinação das que não admitem controlo alheio, representando uma certa interdependência e consequente diminuição de autonomia. O que impede o "ecumenismo", ou seja o esforço para entendimento e respeito mútuo entre as confissões cristãs, é a obstinação das que, como a de Roma e a de certos extremistas, se arrogam a posse da autoridade **perfeita** ou defendem a intolerância como legítima em quem possui a verdade **inteira**, ou ainda cultivam a suspeita da fé alheia por ser expressa em diferentes termos. Em suma: daltonismo, ou miopia ou presbitia.

— O centenário do dogma da "Imaculada Conceição" festeja-se, principalmente em Braga, de 8 a 13 de Junho. A propósito, professoras dos liceus instam com as alunas, mesmo com as dissidentes das novas tradições, para fazerem estudos ou ensaios sobre o culto mariano, o que é deveras estranhável. Recomendamos aos pais que dêem a ler a suas filhas os escritos de Herculano, tão esclarecedores a respeito do que ele chamou a mariolatria.

— O ministro cristão deve auferir honorários no suficiente que o não torne desdenhado pelos ricos, e não tanto que o faça invejado pelos pobres. Entendido?

— Quando foi do peditório nacional para as missões, colocaram-se nas lapelas de muita gente as armas da Cúria Romana. Assim pareceu que as missões romanas têm por fim colocar as províncias ultramarinas portuguesas, não sob a cruz de Cristo, mas sob a teara papal.

— Tem-se deitado ao mar, nalguns sítios do mundo, o sal que o mar dera, com o fim de evitar que, pela abundância do produto, ele desça de preço. Assim se fez já com o leite, as laranjas, o café... O que nos mostra como a cupidez é universal... e estúpida.

— O sr. D. Manuel, cardeal Cerejeira, eminente medievista e apaixonado apolo-gista das Sagradas Escrituras, não se dedignou, numa admirável pastoral da Natividade, há poucos anos, utilizar estudos de crítica textual de homens como Kenyon, o perito arqueólogo, o que não é de admirar num homem superior, mas é-o num meio semi-culto a respeito de certas matérias e de certas atitudes.

— Há defensores (ou contemporizadores) da glossolália, que se atrevem a censurar-nos por liturgistas! É de topete!

Por mais simples que seja o culto cristão, há sempre nele um mínimo de liturgia. Mas glossolália, só a pratica quem abdica do "entendimento", que se deve juntar ao espírito quando se ora. (vide 1.ª Cor. 14:15)

— Ocasionalmente vimos um número do "Clarim da Verdade", de Caldas de Moledo, de 1 de Novembro, onde um anúncio curiosíssimo nos chamou a atenção: "Rifa. Fez-se, como tínhamos prometido, a rifa da imagem de Santa Teresinha. Saiu premiado o n.º X, pertencente ao novo assinante Sr. J. S. Parabens. Pedimos um favor ao nosso amigo. Quando rezar diante da imagem nunca se esqueça do "Clarim da Verdade". Que lhes parece isto? O director deste boletim é um sacerdote, que no lugar de honra põe a mensagem do Evangelho e considerações oportunas. Que pena faz a mistura do Melhor com a tentação do azar, e o resto que aí fica! Pobre Teresinha de Lizieux, que tanto amava a leitura das Sagradas Letras!

— Em 1950, do Ministério do Interior saiu ordem para não ser reconhecida a profissão de ministro cristão senão aos sacerdotes romanos. Oficialmente, desde então, não há ministros cristãos reformados, ou os que há têm de se apresentar com outras profissões que exerçam ou tenham exercido, o que é profundamente lamentável e contrário ao espírito da Constituição que nos rege, e que, em parte por culpa nossa, não está regulamentada quanto aos cultos dissidentes da Igreja Protegida. A lei não cria costume; o costume é que faz lei. Deveríamos representar aos poderes constituídos, que certamente nos ouviriam.

— O escritor Sr. Costa Brochado publicou em Sexta-feira Santa um bom artigo sobre "Judas", o financeiro, e o seu conluio com os homens que a todo o transe queriam

manter a miséria das coisas de que tiravam lucro. E ao referir o sinal e o preço da traição, termina: "aquele beijo e este dinheiro ainda hoje são as armas com que o **statu quo** trava a obra de Jesus...

—Uns juntam gaiolas "bonitinhas" às sólidas mansões que herdamos dos avós; outros complicam, em escolas confusas, as linhas claras da filosofia helénica, ou multiplicam linhas, manchas e volumes estranhos, em representação moderna das cenas e vultos que saíram de magistrais paletas e cinzeis; outros ainda dispersam-se em interpretações peregrinas da Palavra bendita da Revelação. Tudo isto é vida; mas alguma é como a que pulula nos corpos em decomposição.

—Morreu-lhe um filho atropelado; e agora por aí anda de bengala e apito, convencido de que dirige o trânsito... A sociedade ri-se; os que sabem a causa lamentam, e nós pensamos: quem nos desse a todos a santa loucura de indicar o Caminho, ao pensar em tantos que morrem atropelados pela horrível tracção do mal!

—Uma revista espanhola critica os nomes científicos dos nossos novos selos da Guiné, representando insectos; mas não reparou nos da Guiné Espanhola, que representam outros animais, também com arrevesados nomes científicos. Isto faz-nos lembrar certos cristãos ritualistas (que somos todos; a diferença é de quantidade e de qualidade) a estranharem-se mutuamente os seus ritos sem olharem para si próprios.

—Há-de haver oito meses chegou a Paris uma baleia de dezoito meses de idade, oito toneladas de pêso e vinte metros de comprimento, trazida num camião de dez rodas, desde a Noruega, onde fôra arpoada um ano antes. Vinha perfeitamente preservada com formalina, e no seu interior,

iluminado electricamente, podiam entrar dez pessoas de cada vez. Deixamos aos leitores os comentários que desejarem fazer.

—Em certas províncias europeias de África o indígena é apodado de "motor a banana", porque só para comer trabalha. E do seu trabalho, lá, como no Brasil de outrora, se obtém a aguardente, na distillação sacarina. Na Colombia os índios laboram na extracção da borracha para beberem aguardente, visto que a comida lhes está à mão. E ainda as companhias exploradoras os tutelam, senão o embrutecimento seria completo. Depois a borracha vai para os Estados Unidos produzir toneladas de pastilhinhas, mastigadas por alguns milhões de civilizados. No fundo há sempre um pretexto, um estímulo, melhor ou peor. Deus nos dê um alvo são!



Palavras sobre

Eurico de Figueiredo

Passou algumas semanas — tão rápidas! — entre nós, o Rev. Prof. Eurico de Figueiredo. Com estas palavras foi apresentado na conferência que ele deu à A. R. C., em Lisboa:

Eurico de Figueiredo que, com a sua habitual eloquência e a elegância e profundidade do seu pensamento hoje nos vem falar sobre a grande **Urbe Quatrocentã**, é um ilustre brasileiro filho de Portugal; é um professor paulistano cuja "alma-mater" foi o Instituto Superior Técnico lisboeta; é um clérigo reformado cujo berço eclesiástico, que não desdenha, foi a nossa Igreja, de que seu Pai foi bispo-eleito.

Antes destes 30 anos de magistério lá fora, por onde quer que passou, na Europa em guerra ou na Africa em ebulição, por mesquinhas querelas, sempre ele marcou pela exuberância do seu espírito, pela lealdade do seu carácter, pela originalidade da sua feição artística.

O Livro e os Livros

DA operosa Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal acabamos de receber as primícias da sua actividade publicitária: "Compêndio de História de Missões". Apesar do título dar a modesta ideia de se tratar duma história fragmentária ou lacunar, podemos afirmar que se trata de uma "história das missões", forçosamente abreviada nas suas 290 páginas, mas com princípio, meio e fim. É seu autor o sr. Dr. J. T. Tucker, missionário jubulado da Igreja Unida do Canadá, que por mais de trinta anos trabalhou, com sua Esposa e excelente colaboradora, em Angola, e que sobre esta província escreveu quatro obras na língua inglesa, sendo autor de mais de dez livros em umbundo, a língua principal do Bié. O actual compêndio ostenta um razoável desenvolvimento do assunto no que se refere a Portugal. É uma obra equilibrada e será muito útil no meio português. Tem um bom índice remissivo e o seu aspecto gráfico é muito satisfatório. Pena é que a tradução e a revisão deixem bastante a desejar, o que, numa nova edição poderá ser remediado. É tempo de apresentarmos ao meio culto português trabalhos que honrem os nossos ideais, não só na sua estrutura, como este, mas também no acabamento geral. Aos interessados no assunto aconselhamos a leitura deste bom livro, e também o artigo "Missão" na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, onde anteriormente fora dado um conspecto do assunto, forçosamente abre-

viado mas com algumas informações úteis, não referidas no actual trabalho.

Os rev. Herbert Meza, Latham E. Wright e Gerson A. Meyer, de colaboração, apresentam, para o II trimestre deste ano "Estudos bíblicos para uso das Classes Adultas das Escolas Dominicais", nova publicação presbiteriana, esta agora da Comissão de Educação Cristã. A autoridade teológica dos compiladores e autores é suficiente recomendação para este trabalho. A apresentação gráfica é atraente e a utilidade indiscutível. Oxalá em breve tenhamos estudos para outras classes da E. D., que decerto encontrarão muita procura.

Além destas publicações tem a Comissão da Educação Cristã á venda "50 Hinos Escolhidos" e "Regras de Ordem e Regimento na Condução de Assembleias Públicas"; e já anuncia a súmula da série de palestras dadas pelo Dr. M. Gutierrez Marin no Seminário de Carcavelos, sob o título: "Deus e Nós". Estamos habilitados a recomendar desde já esse admirável ensaio teológico do moderador da Igreja Evangélica Espanhola.

Por gentil oferta do Rev. Sírio Joel de Moraes, da parte da Diocese Sul-Occidental da Igreja Episcopal Brasileira, recebemos um bellissimo exemplar do novo "Livro de Oração Comum" daquela Igreja Irmã. Traduz o prefácio da Igreja dos E. U. datado de Outubro de 1789 e é acompanhado dum útil catecismo e formulário de orações para o culto doméstico e outros usos. Entretanto tudo se contém em LVII + 611 páginas de formato 16.º. A ratificação é assinada pelos três illustres bispos do Brasil.

Reforma Canónica

ESTA REVISTA PUBLICARÁ ALGUMAS PORÇÕES, DE MAIOR INTERESSE GERAL DO PROJECTO DE CONSTITUIÇÃO E CÂNONES DA IGREJA LUSITANA, APRESENTADO AO COLENDO SÍNODO DE MARÇO FINDO PELO REV. DR. DANIEL DE PINA CABRAL.

O AUTOR DO PROJECTO AGRADECE A TODAS AS PESSOAS QUE LHE FAÇAM CHEGAR AS SUAS CRÍTICAS CONSTRUTIVAS.

CONSTITUIÇÃO E CÂNONES DA IGREJA LUSITANA

CAPÍTULO I

A IGREJA LUSITANA

I

Da Igreja e seus Titulos

1—A Igreja Lusitana é a parte reformada da Igreja tradicional da Nação Portuguesa, e, assim, pertence à Una, Santa, Católica e Apostólica Igreja de Cristo; que nenhum membro da referida Igreja Lusitana mantenha ou ensine o contrário.

2—A dita Igreja toma o nome de Igreja Lusitana, Católica, Apostólica, Evangélica.

II

Da Doutrina da Igreja Lusitana

1—A doutrina da Igreja Lusitana firma-se nas Sagradas Escrituras, persevera no ensino dos Concílios Ecuménicos e Padres Primitivos da Igreja, e está particularmente contida nos Trinta e Nove Artigos de Religião, no Livro de Oração Comum, e no Ordinal.

2—Os Trinta e Nove Artigos de Religião são conformes à Palavra de Deus, e podem ser aceitos, em boa consciência, por todos os membros da Igreja Lusitana.

3—O Livro de Oração Comum, Administração dos Sacramentos e outros Offícios Divinos na Igreja Lusitana, em tudo é conforme à Palavra de Deus, e, juntamente com outros ritos e cerimónias aprovados pela legítima autoridade, pode ser usado, em boa consciência, pelos membros da Igreja.

4—O Ordinal—Modo e Fórmula de Instituição, Ordenação e Sagração de Diáconos, Presbíteros, e Bispos, segundo o Rito da Igreja Lusitana Católica, Apostólica, Evangélica—em tudo é conforme à Palavra de Deus; e aqueles que, segundo o dito

Ordinal, são instituídos, ordenados e sagrados Diáconos, Presbíteros e Bispos, estão legitimamente instituídos, ordenados e sagrados, e, como tais, devem ser tidos, tanto por eles, como por outros. A Igreja Lusitana continuará e manterá inviolável o Ministério antigo dos Bispos, Presbíteros e Diáconos, com todos os seus direitos e privilégios respectivos.

III

Da Lei na Igreja Lusitana

As fontes da Lei na Igreja Lusitana são os seus Cânones, o Livro da Oração Comum e Ordinal, com prefácios e rubricas, e as disposições emanadas da legítima autoridade, segundo a jurisdição respectiva. Os casos omissos serão regulados de acordo com os costumes tradicionais do território e o Direito Canónico dos outros ramos da Santa Igreja Católica, salvo os princípios doutrinários da Igreja Lusitana.

IV

Das Relações com o Estado

1 — A Igreja Lusitana reconhece e acata a soberania do Estado Português como o mais alto poder, abaixo de Deus, dentro dos limites territoriais da Nação Portuguesa; porém, vive em regime de separação do Estado, sem prejuízo de colaboração sempre que o interesse nacional o exija.

2 — Esta Igreja mantém que, em todos os assuntos espirituais, é, por direito divino, independente de qualquer direcção ou interferência dos poderes civis.

V

Dos Limites Territoriais da Jurisdição da Igreja Lusitana

A Igreja Lusitana exerce a sua acção apostólica e reformadora nos limites territoriais da Nação Portuguesa, salvo o dever de cooperar com outras partes da Santa Igreja Católica, dando ou recebendo fraternal auxílio, na medida das mútuas forças e necessidades.

VI

Da Divisão Territorial da Igreja Lusitana

1 — A Igreja Lusitana, conforme o seu desenvolvimento for requerendo, organizar-se-á por DIOCESES, nos moldes clássicos da Santa Igreja Católica.

2 — Entretanto, vive com uma só diocese que, em princípio, corresponde a toda a Nação Portuguesa.

3 — A diocese divide-se em PARÓQUIAS e estas, quando contíguas, podem agrupar-se em REGIÕES OU ARCIPRESTADOS.

Forum**SÍNODO GERAL**

COM um culto Solene e de Acção de Graças pelo 70.^o aniversário da dedicação do Templo da Igreja do Redentor, no Porto, realizou-se, em 11 de Março, no referido Templo, a abertura do Sínodo Geral da Igreja Lusitana, sendo prêgador o Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral.

A este culto presidiu o Rev. António Ferreira Fiandor, Presidente do Sínodo da Igreja Lusitana, bem como às reuniões de trabalhos dos dias 12 e 13, de manhã e de tarde, as quais se realizaram no Salão Paroquial da Igreja do Salvador do Mundo, após a celebração da Sagrada Eucaristia, na qual participaram os clérigos e representantes Seculares do Sínodo e alguns membros das congregações em Vila Nova de Gaia.

Os trabalhos abriram com sentida homenagem à memória do Rev. José Maria Leite Bonaparte e a todos os membros das Congregações da Igreja Lusitana que no interregno do último e presente Sínodo foram chamados ao Eterno Descanso.

Em resumo e entre outros, foram tratados nestas reuniões os seguintes assuntos: —

- a) — Enviar mensagens de saudação ao Venerando Conselho de Bispos da Igreja Lusitana, à Sociedade Auxiliadora, e às Igrejas Episcopais Espanhola e Brasileira;
- b) — Testemunhar merecido aprêço aos Irmãos da Igreja de S. Mateus, Vila Franca de Xira, e suas Missões, pelo muito que fizeram em trabalho e auxílio financeiro para as obras interiores e exteriores do seu novo Templo;
- c) — Registrar agradecimento ao grupo de membros da Igreja de S. Paulo, em Lisboa, que de um modo especial contribuíram já com a importância de Esc. 7.340\$00 para auxílio dos estudos do jovem Evangelista daquela Igreja, Snr. João Soares Carvalho, no Clifton Theological College, em Bristol, Inglaterra;
- d) — Eleger para receberem Ordens Sacras, de Presbítero o Diácono, Rev. Josué Ferreira de Sousa Junior, e de Diácono, os Evangelistas Srs. Dr. Ayres Serrano e Silva, Francisco Venâncio de Oliveira e João Soares Carvalho. Também foi nomeado Evangelista o Sr. António de Almeida Barros;
- e) — Tomar conhecimento da próxima vinda a Portugal de Sua Ex.^a Revma. o Senhor Bispo Stephen E. Keeler, de Minnesota, E. U. A., para a celebração das Ordens Sacras e Administração do Rito da Confirmação nas diversas Congregações da Igreja Lusitana;
- f) — Reafirmar ao Rev. Eduardo H. Moreira bem justificado aprêço pela sua direcção e principal colaboração na "Ecclesia", revista oficial do Sínodo, mantendo-se-lhe merecida confiança e gratidão para prosseguir no seu cargo;
- g) — Confirmar a nomeação representativa da Igreja Lusitana, composta dos Revs. Eduardo H. Moreira e Dr. Pina Cabral e Dr. Leopoldo de Figueiredo, na comissão a constituir para estabelecer os planos da Federação das Igrejas Evangélicas de Portugal;
- h) — Aprovar as emendas litúrgicas para a celebração de casamentos por procuração de um dos nubentes que esteja ausente do País;
- i) — Tirar cópias do projecto para a reforma dos actuais Canones da Igreja a fim de serem distribuídos e estudados pelos membros do Sínodo e então serem discu-

- tidos e votados e, porfim, submetidos ao Conselho dos Bispos da Igreja Lusitana;
- j) — Realizar este ano e no Norte, o 2.º Congresso dos membros da Igreja Lusitana, ficando a cargo da Comissão do Plano Quinquenal a organização do mesmo;
- k) — Levantar em todas as Congregações, anualmente e no mês de Junho, uma colecta para o Fundo Especial para a revisão e nova edição do Livro de Oração Comum, tendo sido nomeados para esse trabalho, os Revs. Eduardo H. Moreira, Dr. Luís Pereira e Dr. Pina Cabral.

Por fim foi nomeada a Comissão Permanente que actuará no interregno da presente e futura reunião Sinodal, constituída pelo Presidente do Sínodo, pelos Revs. Eduardo H. Moreira, Dr. Luiz C. Rodrigues Pereira (Secretário no Sul), Armando Pereira Araújo, Dr. Daniel de Pina Cabral, Agostinho Ferreira Arbiol, este como secretário no Norte e, ainda pelos Representantes Seculares das Congregações cujos Ministros não façam parte desta Comissão.

O culto solene de encerramento do Sínodo, presidido também pelo Rev. António Ferreira Fiador, Presidente do Sínodo, realizou-se no Domingo, 14, à tarde, na Igreja de S. João Evangelista, em Vila Nova de Gaia, sendo prêgador o Rev. Eduardo H. Moreira.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Do excelente boletim "O Despertar", embandeirado em arco, no seu n.º da Páscoa pelas esperanças que nos traz o anunciado

II Congresso da Igreja Lusitana, extraímos as seguintes importantes notícias:

A Igreja Paroquial de S. Mateus, para cuja aquisição "O Despertar" fez o primeiro apelo, e que três meses depois desse apelo, era solenemente dedicada ao Serviço de Deus na Igreja Lusitana, inaugurou no passado dia 7, (de abril) a sua nova Mesa de Comunhão, de pedra, oferta de D. Violeta Hall de Figueiredo e de seus irmãos os senhores Jorge e Cecil Hall, em memória de sua Mãe. Por generosa oferta destes bons Amigos, que tanto têm já feito pela paróquia de S. Mateus, foi também possível construir o arco que tanto veio embelezar o Presbitério do Templo.

Está em Lisboa a estudar a nossa língua, a fim de se dedicar ao trabalho missionário na Missão Anglicana no norte de Moçambique, o Rev. S. Chancelor, que fez a sua preparação teológica na "Comunidade da Ressurreição", ordem Anglicana que muito tem feito a favor da Obra Missionária. O Rev. Chancelor, deverá prêgar na Igreja de S. Mateus no Domingo 9 de Maio.

Desde a Festa das Colheitas do ano passado, que se está a assistir a um verdadeiro despertamento na Igreja de Cristo Remidor, em Alcácer do Sal. A Casa de Oração em breve será insuficiente. Além do Culto Dominical, às 17 horas, a nossa Irmã D. Maria Idalina Duarte, Representante Secular daquela Congregação, tem organizado pequenas reuniões de Oração em casa de vários crentes. Não será isto o segredo do despertamento? A mesma Irmã dirige uma Escola Dominical muito animada, que funciona antes do Culto.